



PARTE HISTORICA

O GRANDE CONSELHO

26 de Agosto--E' proclamada a republica no Ceará em grande conselho de 455 eleitores, quasi todos notabilidades da Provincia, com assistencia das camaras de Fortaleza, Aquiraz e Messejana e procuradores das demais camaras da Provincia.

(BARÃO DE STUDART — *Datas e Factos para a Historia do Ceará*).



As chronicas do passado, em geral lacunosas, ainda assim são imprecisas quanto ao desenvolvimento, ha um seculo, da cidade de Fortaleza.

Afóra o testemunho de dois estrangeiros—H. Koster e L. F. Tolenare, que a visitaram, respectivamente, em 1811 e 1817, e cuja impressão colhida deixaram elles assignalada em livro, ou mais o trabalho legado á historia pelo Sr. João Brigido—uma synthese de Fortaleza no anno de 1810, relanceada em varios aspectos, nenhum outro documento ex-

iste com o concurso do qual se possa fazer, com exactidão, idéa perfeita da capital cearense ha cem annos passados.

O anno de 1824, cotejado com a epoca da visita daquelles viajantes, demonstra haver quasi nada evoluído, embora dois lustros já se annotassem. Deste modo, salvo ligeira modificação, o quadro seria o mesmo descripto por Henry Koster—uma Fortaleza com raeia duzia de ruas, não calçadas, cujas casas constavam «samente do andar terreo», duas praças quando muito, de par com tres igrejas, que completavam o seu todo.

Os seus edificios, unicos existentes, podiam ser apontados a dedo: eram apenas o Palácio do Governo, a Casa da Camara, a Cadeia, a Casa do Mercado, a Alfandega, o Erario, o Chafariz, o Lazareto e a Fortaleza de N. S. d'Assumpção.

Não resta a menor duvida que por esse tempo já havia aquella preocupação característica dos primitivos constructores, que fez dotar a cidade com a «forma correcta» de nossos dias, e que para alguém foi obra do fluminense Antonio Rodrigues Ferreira, a quem, com justiça, não se póde negar a qualidade de haver sido «um dos mais zelosos presidentes da Camara Manicipal», que tanto recommenda a capital do Ceará pela sua feição topographica impressionante, encantadora, surprehendente mesmo, dil-o o Sr. J. Brigido, recae na pessoa do tenente-coronel Antonio José da Silva Paulet, ajudante de ordens do governador Manoel Ignacio de Sampaio. Paulet, portanto, foi o cerebro que architectou o plano. Ferreira teria sido o seu observador, «quando qualquer desvio o podi comprometter».

As relações sociaes mantidas nessa epoca pela população de Fortaleza, com um computo talvez não superior a duas mil almas, eram mui restrictas. Não passavam ellas de «um chá em familia, no qual se jogavam as cartas, dos arumamentos de tropas, no maximo formando duzentos homens, da cerimonia do beija-mão no dia dos annos do Principe, allás em arremêdo dos realizados na Côrte, dos jantares e reuniões do Governador e dos *bailes*, que consistiam em representações de dansas e cantos». Tudo mais que não en-

trasse nesse rol ou, que, em character extraordinario e festivo, surgisse na terra, constituia novidade.

Quem já a conhecia, pois, na sua habitual quietude do meio provinciano, ainda com cheiro colonial, com certeza surprehender-se-ia ante a impaciencia de algumas centenas de pessoas que, numa roda viva traziam Fortaleza naquella escaldante manhã de 26 de Agosto de 1824.

Mal sabiam, porém, que para aquelle dia se aprasara a reunião do *Grande Conselho Provincial* que, adoptando um novo plano de Governo—a Republica—para o Ceará, iria fazer a sua adhesão á Confederação do Equador, proclamada em Recife a 2 de Julho, anterior. Justificava-se, pois, a ansiedade do povo pela effectividade dessa reunião a que espiritos partidarios, obcecados pelo seu ideal republicano, emprestavam maxima importancia.

Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, á testa do governo por força dos successos de Abril que haviam arredado o 1.^o presidente nomeado pelo Imperador—Pedro José da Costa Barros, com muita antecendencia, preparara o terreno, de modo que a noticia de seu designio já era conhecida por toda a provincia. Anteriormente, «fizera elle distribuir diversas proclamações em que excitava os cearenses a acceitarem a causa de Pernambuco, e a resistirem ao Imperador; e para motivar o armamento geral da provincia, que queria promover, com o intuito de usar delle para seus fins, deu consistencia a um boato vazo que corria de uma invasão projectada por Portugal no Brasil, publicando um plano de resistencia a esta invasão, e obrigando toda população a estar alerta, e prompta a lançar mão das armas e das provisões de bocca, que mandava pôr em reserva». Demais, no *Diario do Governo do Ceará*—«o primeiro fructo d' imprensa que, naquelle anno, surgia na provincia», edição de 30 de Julho, vinte e sete dias, portanto, antes dessa memoravel sessão, publicara elle «um officio-circular dirigido aos parochos, convidando-os, e no seu legitimo impedimento *um clérigo da sua enviatura*, a assistirem em Fortaleza, a 25 de Agosto, a um Conselho Provincial *onde se tratará do systhema que se deve abraçar para segurança e salvação*;

e ainda, columnas adiante, uma proclamação concitando os cearenses a acceitarem o convite de Pernambuco, *que é digno da nação e do seu governo*.

Tal convite, transformado em letra de fôrma, grande acontecimento então para o Ceará, motivara o desassocêgo constante do povo que, desde o clarear da manhã daquelle dia, era notado nas poucas ruas de Fortaleza.

Nem todos, porém, ali se achavam com o mesmo patriotico fim. Havia determinada parcella dessa gente, cuja physionomia denunciava o pronunciado indifferentismo aos commentarios dos mais exaltados e que para ali fôra levada pela contingencia do momento, forçada como havia sido, em não pequeno numero, a acceitar as cousas consoante o seu desdobramento. Quem auscultasse o povo cearense naquelle instante, ou mesmo, desapaixonadamente, livre de qualquer ameaça ou coacção, procurasse ouvil-o nas suas mais sinceras manifestações de partidarismo, ao primeiro contacto perceberia quanto elle era infenso á causa da Republica, cuja propaganda tão ardentemente faziam, naquella hora, os seus proselytos. Na sua quasi totalidade, allude um chronista dos tempos, o cearense sempre foi decidido partidario do regimen Imperial, e só por força de imperiosas circumstancias, «acobardado», temeroso de maiores vexames, é que elle ecceitava os factos como consumados «deixando tudo passar sem opposição».

*
**

Não tardou a hora ansiosamente esperada.

Os que tinham interesse directo na ambicionada reunião, ou os que a tanto fôram arrastados, pressurosos affluiram ao edificio do Palacio do Governo. As coisas ali, de ante-mão, já estavam preparadas para o magno fim.

Iniciam-se os trabalhos. O Congresso teve então uma imponencia fóra do habito. Honram-n'o com a sua presença o presidente do governo da provincia, os vogaes do conselho, o governador das armas, os ouvidores das duas comarcas, o senado das camaras de Fortaleza, Aquiraz e Mes-

sejana, os procuradores das demais camaras da provincia, os reverendissimos parochos das freguezias, os eleitores das parochias, os chefes dos corpos militares de 1a., 2a. e 3a. linhas, o clero, muitos officiaes militares, «homens bons e povo». Quasi todos os collegios eleitoraes da provincia se fazem representar. Aquiraz, Aracaty, Arronches, Amontada, Arneiroz, Crato, Granja, Icó, Ipú, Inhamuns, Jardim, Lavras, Messejana, Monte-Mór o Velho, Monte-Mór o Novo, Missão Velha, Quixeramobim, Riacho do Sangue, Sobral, S. Matheus, S. Bernardo, Santa Quiteria, Serra dos Côcos, Soure e Villa Viçosa mandam seus emissarios ou delegam poderes a representantes. Regista-se a presença de 455 pessoas.

O momento é solemne.

Tristão, com um passado honroso, cheio de renomé e de gloria pelo triumpho que alcançara, mezes antes, ao lado de Filgueiras, na expedição do Piauhy e do Maranhão, espirito forte, affeito á luta, impetuoso, ardente, «essencialmente liberal, amando a Republica com frenesi, unico objecto de seus sonhos, vivendo na intima convicção de que nenhuma outra fórmula de governo convinha á sua patria», é o primeiro a surgir ante aquella selecta assistencia. Por direito que lhe compete, depositario como era, no momento, do posto mais elevado da administração publica, com as redeas do governo nas mãos, assume a presidencia do memorando acto. «Homem de bem», polido, educado, demonstrando ainda ser conhecedor da cortezia official, reserva a sua direita ao primeiro conselheiro do governo coadjutor Joaquim de Paula Galvão e mais ao governador das armas José Pereyra Filgueyras (*), ao ouvidor interino da comarca do Ceará Miguel Antonio da Rocha Lima, e ao escrivão deputado Francisco Miguel Pereira Ibiapina. A' esquerda, colloca os conselheiros coronel José Felix de Azevedo e Sá, vigario Antonio José Moreira, coronel Ignacio Gomes Parente e vigario Manoel Pacheco Pimentel. Secretaria a ses-

(*) Conforme a graphia do proprio Filgueyras em documentos da Collecção Studart.

são o padre Gonçalo Ignacio de Loyola de Albuquerque Mello Mororó.

Tristão levanta-se. De pé sobre um estrado de quasi um metro de altura, com tres degraus, «em voz alta e intelligivel» de modo a não poder deixar a menor duvida, propõe á assembléa:

«Que á vista dos perjuros de d. Pedro, principe de Portugal (chamado Imperador do Brasil), estava roto o pacto social, tantas vezes assegurado por elle, e outras tantas violado publicamente á face da nação, em affronta daquelles mesmos povos, dos quaes elle de motto proprio havia tomado o titulo de defensor perpetuo, não lhes tendo sido até agora senão um oppressor encarniçado, não respeitando os fóros da liberdade do Brasil, quando despoticamente, e á força de armas, aboliu a assembléa geral constituinte da nação inteira, prendendo, degredando ainda para reinos estrangeiros, e despedindo com ignominia os seus representantes, arrogando a si o direito absoluto de legislar, e constituir por si, como se viu do infame projecto de constituição, que não só deu, mas tambem mandou arbitrariamente jurar por todas as camaras das provincias do Brasil, reputando-nos escravos, ou propriedade sua, contra suas promessas e juramentos».

E proseguiu com mais ardor:

«Que, além de todos estes motivos do mais descarado despotismo, accresciam mil traições visivelmente apparecidas nos seus decretos, alvarás, avisos, manifestos e proclamações, com que pretendia sujeitar-nos novamente ao dominio portuguez, não cumprindo assim com as condições essenciaes, pelas quaes havia subido ao throno».

Tristão suspende a fala por alguns instantes. Com o olhar firme, seguro, de relance crava as pupillas naquelle povo, que o rodeava, como que estudando em suas physionomias o effeito que, por ventura, produziram as suas palavras. Dando maior entoação á voz, conclue:

«Attentas, pois, tantas circumstancias de justos resentimentos dos povos, que a patria estava no maior perigo, e era necessario salvalla do captivo apezar de todos os sacrificios da parte de seus filhos, pelo que o conselho delibe-

rasse lançando mão dos meios os mais promptos, e energicos».

Apresenta então aos congressistas um plano de nova forma de governo, affirmando:

—E para ser discutido livremente, com immuniidade de pessoas e opiniões.

E, desdobrando algumas tiras de papel escriptas, lê para a assembléa u'a serie de doze artigos, que havia formulado, e, á medida que findava a leitura de cada um, a seu turno, os assistentes com estrepitosos applausos applaudindo as idéas nelles contidas, iam, em seguida, approvando-os, com indivisiveis demonstrações de regosijo, «dando-se uns aos outros parabens da sua mutua felicidade».

—*Pro Patria et veritate congregamus*, resmungou de seu canto o Pe. Gonçalo Mororó, tido como profundo latinista.

Estava lançada a sorte da nascente republica cearense.

Ainda em tempo o Ceará fazia a sua adhesão ao «grito festivo» de liberdade proclamado em Recife, consubstanciado no regimen republicano ali triumphante com o rotulo de Confederação do Equador.

Nessa reunião propõe Tristão ainda que se elejam o seu presidente e secretario «para assistirem as suas sessões na discussão da materia sem coacção dos votantes».

O congresso, porém, numa só resolução, «uniformemente», sem discrepancia de um unico voto, acclama-o para o seu posto supremo. A escolha de secretario recae no vulto de maior prestigio intellectual ali presente, o reverendo Pe. Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó.

Os republicanos vibram de enthusiasmo.

«Soara para Tristão a hora tão desejada do supremo triumpho».

Acto continuo, povo e tropa, confraternizados, tendo á frente Tristão rumam ao quartel de 1.ª linha, onde a elles se incorpora o senado da camara com o novo estandarte da liberdade, «já deante-mão preparado».

Organiza-se então imponente prestito no meio do qual, ladeado por soldados, forma o presidente eleito Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe. Dirigem-se todos á igreja proxima onde vão render «acções de graças ao Soberano Autor

de nossa felicidade». Realisa-se a cerimonia da benção da bandeira.

Por fim o padre João Nepomuceno de Britto, vigario de Arronches, profere «um elegante discurso oratorio e patriotico», findo o qual foi entoado solemne *Te-Deum*.

O adiantado da hora não permittiu mais demonstrações de apreço, nesse dia, e somente no que se seguiu, 27, é que se fez o juramento á nova fórma de governo.

Esse acto, por sua vez, teve o mesmo deslumbramento do anterior, realizou-se perante a mesma assembléa da vespera.

Tristão, recebendo-o das mãos do conselheiro Joaquim de Paula Galvão, foi o primeiro a prestal-o com as seguintes palavras:

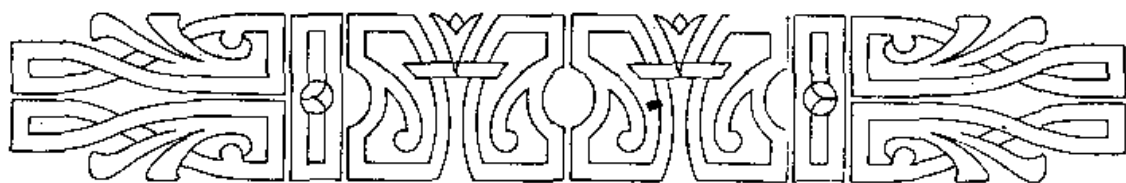
— «Eu Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe juro aos Santos Evangelhos voluntariamente e solememente defender e guardar a religião catholica e apostolica romana».

«Juro dar a ultima gotta de sangue para manter e ser fiel á Confederação do Equador, que é a união das quatro provincias ao norte do cabo de Santo Agostinho, e as de mais, que para o futuro se forem unindo, debaixo da forma de governo que estabelecer a assembléa constituinte».

«Juro fazer crúa guerra ao despotismo imperial, que pretende usurpar nossos direitos, escravisar-nos e obrigar-nos a fazer união do Brazil com Portugal, a qual jamais admittiremos por nenhum titulo que seja».

«Juro emfim fazer guerra eterna a todo despotismo, que se oppuzer á liberdade da nossa patria, e igualmente juro obediencia ao governo supremo salvador. Assim Deus me ajude».

Desse «acto de audacia» que nos fastos republicanos de 24, no Ceará, se chama o «Grande Conselho», ha expressivo documento que passou para a historia e que em suas linhas geraes dá pormenorizada noticia dos factos aqui encerrados: a acta mandada lavrar, na memoravel data—26 de Agosto—pelo presidente da Republica Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe.



ALMA DE PIRATA, NÃO!

«Thomaz Cochrane, conde de Dundonald, era u'a alma de pirata . . .»

(João Brigido — «Nossos Antigos (*Bons, Furros e Bravos*)»).



ALMUXARIFE! mim qué dinharra!

—Ah! senhor Lord, os malvados levaram tudo, não deixaram real na caixa!

—Almuxarife! mim qué dinharra! retorquiu elle encarando-o . . .

—Ah! senhor Lord, onde vou eu buscar dinheiro? A miseria é grande . . .

—Almuxarife, lhe bradou o outro, mim qué dinharra sinão mim corta cabeça de Munxarife!

O pobre homem saiu ás quedas, levou o dia a vender quanto tinha, até os carneiros, e gemendo e chorando foi levar *dinharra* a s. excia.

Este dialogo, refere J. Brigido, que o annota, travou-se entre Thomaz Cochrane e João Carlos da Silva Carneiro, almoxarife da Republica do Equador, logo que o primeiro na qualidade de almirante chefe da esquadra imperial aportou ao Ceará, em 1824, para abafar com o seu bloqueio a impetuosidade da malfadada revolução.

Isto quer dizer que Cochrane, ao desembarcar em Fortaleza a tantos de outubro, trazia os mesmos intuitos de velhacaria, que anteriormente o levaram a ser expulso da marinha inglesa, ao tempo da guerra contra Napoleão, intermediario como houvera sido de negocios de agiotagem dos quaes fôra cabeça principal, fazendo espalhar tendenciosos boatos, que muito bem aproveitavam aos fins gananciosos, que tinha em mira.

Era um prognostico temerario, talvez.

Cochrane, na sua mocidade prestara alevantados serviços ao seu paiz de origem—a Inglaterra, recebendo por isso valiosas recompensas:—uma, o condado de Dundo-nald; outra o baronato de Cochrane.

A sua actuação na maruja fôra brilhantissima, flagrantés decepções, teve, porém, na politica, na qual militou em opposição ao governo, na Camara dos Communs. Sofreu tenaz perseguição, que o levou ao terreno de amarguras, bastante acêrbas, e, por ultimo fel-o ser expulso da marinha inglesa. Emigrou então para a America, e no Chile, e no Perú, a sua boa estrella reluziu por algum tempo.

As desillusões, que sempre o acompanhavam, ainda desta vez não se esqueceram do arrojado marinheiro.

Veio para o Brasil. Isto ao tempo da Independencia. Confiaram-lhe o posto supremo da armada Brasileira, e, com o mesmo denodo de sempre, a mesma tactica de um experimentado maritimo, conhecedor do officio, a mesma astucia mas uma astucia velhaca, que sempre punha em pratica fazendo crer ao inimigo que era senhor de numerosa esquadra, quando a verdade é que as vezes contava apenas com a náu de seu embarque, actuou brilhantemente em todas as lutas em que se viu envolvido.

A evacuação das tropas de Madeira na Bahia e a proclamação da independência no Maranhão são feitos valiosos, que o levaram á estima do governo imperial, que o galardoou com o marquezado desta ultima provincia (Maranhão).

E' do teor seguinte o decreto que lhe conferiu tal honraria :

«Tomando em consideração os relevantes serviços que Lord Cochrane, Primeiro Almirante da Armada Nacional e Imperial, acaba de praticar com superior vantagem da Nação ajudando a libertar a cidade da Bahia do injusto jugo lusitano, e ministrando depois, tão sabia e opportunamente, aos honrados habitantes da Provincia do Maranhão os meios de que precisavão para sair da mesna dominação estrangeira, e poderem como desejavam reconhecer Me por seu Imperador Constitucional: E querendo Eu dar-lhe um publico testemunho de agradecimento, por estes altos e extraordinarios serviços em beneficio do generoso Povo Brasileiro, que sempre conservará viva a memoria de tão illustres feitos: Hei por bem Fazer-lhe Mercê, alem de outra, do Titulo de Marquez do Maranhão. Paço em doze de agosto de mil oito centos e vinte e trez, segundo da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador».

* * *

Rebenta a Confederação do Equador.

O governo imperial não fica inerte ante a insurreição dos Pernambucanos, cuja sementeira se alastra pelas provincias circumvizinhas irmanadas pelo mesmo ideal de liberdade. Ainda desta vez elle recorre aos serviços do chefe da esquadra.

Escreve o sr. Escragnolle Doria :

«Aos 18 de Agosto de 1824 estava Cochrane diante de Recife. Procurava escrever antes de falar o canhão. Por meio de Proclamação tentava persuadir aos Recifenses e sobretudo aos revoltosos.

«Paes de Andrade, cabeça destes, respondeu-lhe, dirigindo-lhe u'a carta, convidando-o para o serviço da Confederação do Equador mediante quatrocentos contos de réis, offerta que talvez não fosse sem certa ironia.

«Milord—escreve Manoel de Carvalho Paes de Andrade—A franqueza é o caracter distinctivo dos homens livres; mas V. Excia. não a encontra em suas relações

com o Governo Imperial. O não ter sido recompensado pela primeira expedição offerece justificavel referencia de que nada receberá pela segunda.

«Tomo a liberdade de assegurar a V. Excia. a somma de quatrocentos contos de réis como indemnisação por suas perdas.

«O serviço requerido a V. Excia. será o de acceitar a causa da Confederação do Equador, a qual é adoptada pela maioria das provincias septentrionaes, cujo limite será o rio de S. Francisco».

Tão generosa offerta, offensiva, não ha duvida, aos brios de um militar, era consequencia da noticia, insistentemente espalhada, de andar o almirante na sua expedição á cata de dinheiro.

O silencio de Cochrane foi a resposta, que teve a atrevida carta de Paes de Andrade, seguida, pouco tempo depois, do assalto da maruja do vice-almirante David Jewett que, nessa avançada, relevante serviço prestou ao general Lima e Silva.

* * *

Precisamente, dois menses^{* * *} depois do desenvolvimento desses factos (18 de outubro de 1824), Cochrane fundêa sua frota no porto de Fortaleza.

E' curioso o extracto de suas proprias narrativas na parte relativa ao Ceará.

Fala o almirante:

«Chegando á vista do Ceará, mandei ao Presidente uma communicação para fazer-lhe saber a minha chegada com o fim de restabelecer a ordem, e promettendo a todos as pessoas desaffectedas que dentro de quinze dias tomassem á sua obediencia poderem voltar em paz ás suas casas, sem de modo algum serem molestadas por causa de seus anteriores actos ou opiniões.

«Veio á capitânia uma deputação dos habitantes pedindo-me que desembarcasse a maior força que pudesse dispensar, mas como o general Lima se não tinha prestado a dar-me um destacamento militar, não estava em meu poder o satisfazel-os; porque sendo o fundeadouro perigoso,

e a capitânia estando quasi a encalhar não podia dispensar os marinheiros inglezes, ao mesmo tempo que não havia que fiar na porção Portugueza das tripolações. Alem disto, marinhagem estrangeira não era adoptada para a guarnição de uma cidade.

«Evadiu-se, pois, o pedido; mas assegurando ao Presidente que no caso de os insurgentes avançarem, dariamos auxilio effectivo; lembrando-lhe, comtudo, que se devia tratar de induzir os habitantes a adoptar entre si medidas para sua propria defesa e para a preservação da tranquillidade, resultados que estavam perfeitamente a seu alcance, e que tornariam desnecessaria a presença de militares.

«Desembarquei, todavia, um pequeno destacamento para o fim de certificar-me dos meios defensivos, como tambem na esperança de excitar as autoridades em terra a alguma pouca de actividade em sua propria causa. Em caso de ataque, prometti desembarcar para auxilial-os quanta gente podesse dispensar, dando ao mesmo tempo licença de se acolherem ás embarcações em caso de occurrencia repentina, que não admittisse communicarem comigo previamente.

«Este offerecimento produziu o melhor effeito na cidade, inspirando confiança aos bem-dispostos, ao passo que os descontentes, ignorando até que ponto eu podia dar ajuda, entenderam que era melhor conservar-se quietos. No seguinte dia voltaram os habitantes a obediencia, erguendo o Presidente a bandeira Imperial nas muralhas por suas proprias mãos, entre todas as demonstrações de satisfação geral.

«Fiz depois que se officiasse a todas as partes da provincia annunciando o regresso da cidade á sua obediencia, promettendo esquecimento do passado a todos os que lhe seguissem o exemplo, e succedeu a isto geral reconhecimento da autoridade Imperial. Mandaram-se agentes confidenciaes, munidos de communicações semelhantes, ás forças revolucionarias capitâneadas por Bizarro, (*) o re-

(*) Refere-se a Antonio Bezerra de Souza Menezes.

belde General das Armas, cujas tropas o abandonaram todas; no entanto que, por agencias semelhantes, o corpo sob o commando immediato do Presidente revolucionario, Araripe, foi reduzido a cem homens—até os indios, sem excepção, abandonando seu estandarte.

«Como um dos primeiros passos para a pacificação da provincia, tinha eu publicado não só geral amnistia, mas amnistia particular tambem, offerecendo aos chefes insurgentes mesmos especial perdão, do qual em amnistia geral ordinaria poderiam elles julgar-se aliás excluidos. Tinha eu em meu proprio animo determinado isto como sendo a maneira geral que se devia seguir, pois não podia deixar de ver que no começo da revolta insurgentes e chefes tinham boa causa para estarem descontentes com o Governo Central no Rio de Janeiro. Havia mesmo dirigido uma carta ao presidente revolucionario, pessoalmente, Araripe, demonstrando-lhe sobre a loucura da carreira, que estava proseguindo, e prometendo-lhe a minha protecção para *elle proprio*, assim como para os outros chefes revolucionarios se tornassem a sua obediencia. Elle preferiu retirar-se para o interior, com os descontentes que o quizeram seguir, tencionando, sem davi-da, esperar até que a força naval se ausentasse. Prevendo o perigo disto, expedi uma proclamação, onde offerecia a quem o apprehendesse recompensa sufficiente para induzir os indios que antes haviam sido seus sustentadores a partir em busca d'elle, resultando em vir a ser morto, e todos seus sequazes apprehendidos. Os chefes Indianos, assim como a gente que delles dependia, foram de grande prestimo na restauração da ordem, combinando robustez corporal superior em actividade, energia, docilidade e força de aturar que nunca falhava—formando com effeito os melhores padrões da raça nativa, que eu vira na America do Sul.

«Antes disto eu tinha conseguido, sem grande trabalho, restituir a tranquillidade á provincia da Parahyba, que havia tambem sido perturbada pelos mandados de Araripe; cumprindo os habitantes as suas ordens pelo perigo immediato a que os expunha a violencia do homem, e na per-

suasão de que o Rio de Janeiro estava demasiado longe para soccorrel-os. O seu prazer ao verem chegar uma esquadra foi, portanto, immediatamente seguido por deixarem o chefe insurgente e voltarem a inteira obediência.

«O de que tratei proximamente foi organizar uma força effectiva no Ceará, e fez-se isto encorporando acima de mil homens, bem que não tivéssemos um soldado só na esquadra. Formaram-se também varios corpos nas villas e aldêas da provincia, e foram activos em perseguir os restos dispersos do exercito republicano.

«Tendo-me assegurado assim da completa restauração da ordem na capital e na provincia do Ceará, e dirigido aos habitantes uma proclamação mostrando-lhes a loucura de se deixarem desvairar por pessoas astuciosas, que não podiam ter exacto conhecimento dos assumptos que davam fundamento ás queixas contra o Governo Imperial, largamos em 4 de Novembro para o Maranhão, provincia que encontramos n'um estado de anarchia maior ainda do que havia prevalecido no Ceará».

E aqui termina o escripto de Lord Cochrane. Foi esta a sua maneira de agir no Ceará.

E' um juiz suspeito, dirão. Partiu da propria imaginação do almirante. Não importa! E' um documento que passou para a historia sem jamais soffrer contestação. Aliás, já houve quem affirmasse ser a melhor historia a que resulta dos documentos.

Cochrane é accusado de se ter feito um instrumento do Imperador, na causa republicana de 24 e talvez o vulto que maior mal fez á Republica do Equador. Elle bem poderia ter tomado a seus hombros a tarefa de sustentar a nascente republica, proclamam os seus desaffectedos, «vindo assim a fundar no Brasil uma gloriosa conquista da paz e liberdade que immortalisaria o seu nome» Os que assim pensam esquecem-se, entretanto, que a experiencia dos annos e as vicissitudes soffridas na vida publica haviam-n'o feito um homem experimentado a quem jamais as illusões enganariam. Os seus quarenta e nove annos de existencia eram sufficientes para amadurecer-lhe a razão.

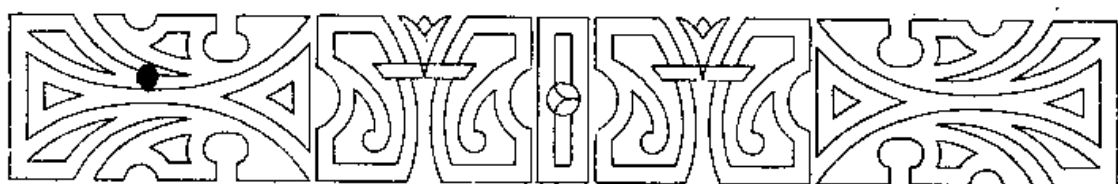
Fôra-lhe bem dura a lição com os revézes da carreira, que havia soffrido na patria estremecida, nos primeiros tempos de sua ardente mocidade, não só sendo processado como della desterrado, chegando a perder todos os titulos honorificos, que adquirira a custa de muito empenho e esforço.

E' verdade que a justiça, mas uma justiça posthuma, se fez, rehabilitando-se então o nome respeitado do notavel marinheiro.

Cochrane nunca teve a «alma de pirata» tão alardeada pelos seus contemporaneos de 1824. Se assim fosse—é claro como a luz do dia—não rejeitaria elle a grossa prebenda de *quatrocentos contos de reis*, que lhe offertara Manoel de Carvalho Paes de Andrade com a condição unica de acceitar a causa da Confederação do Equador...

Tudo mais, pois, é pura fantasia, como fantasia pura é essa glosada intimação feita pelo almirante ao depositario dos dinheiros publicos, ao desembarcar em Fortaleza, brandando em tom ameaçador e imperativo, do alto de seu commando:

—Munxarife! mim quer dinharra, senão mim corta cabeça de Munxarife!



O MORTICINIO DA PICADA

"A tropa do animoso *Maxi* resistiu o quanto lhe foi possível e também derrotou a muitos dos inimigos, porém succumbiu a grande força e morrem quasi todos, escapando bem poucos".

(«Revolução de 1824» in Rev. do Inst. Hist. e Geog. Pernambuco, n. 46—1894).



DE todas as escaramuças desenroladas no sul do Ceará, por ocasião do levante republicano de 1824, nenhuma deixou tão viva impressão de terror como a que ficou conhecida pelo—*O morticínio da Picada*.

Facto por demais apavorante, lúgubre e sanguinolento, delle foi theatro (23 de Outubro) o sitio *Picada*, territorio cearense, encravado nos limites das duas provincias convulsionadas pelo movimento revolucionario:—Parahyba do Norte (Rio do Peixe) e Ceará (Icó).

Quem conhece a historia desse movimento libertador deve saber do declarado proposito de Tristão Gonçalves, logo que se proclamou a Confederação do Equador, de mandar «uma expedição de cearenses auxiliar os republicanos de Pernambuco». Para esse fim, altamente patriotico, orga-

nizou as suas tropas e confiou o seu commando a José Pereyra Filgueyras, na sua bocca, «o intrepido Filgueyras, o idolo do povo e tão firme como u'a rocha», e que era então o governador das armas do Ceará.

Esse troço expedicionario, aliás bem apparelhado, na sua honrosa missão, dizia-se reclamado pelo presidente Paes de Andrade, da Confederação do Equador, em Recife, e levava mais um duplo proposito: o de libertar Luiz Rodrigues Chaves, a quem boatos espalhados, em Fortaleza, davam como retido, em Parahyba, pelos imperialistas e o de escoltar a deputação cearense que o governo republicano havia designado para figurar no congresso que se pretendia reunir na capital pernambucana e no qual seriam discutidas «as bases em que tinha de assentar» a nascente republica.

O sul da provincia, por motivo desse levante, estava de todo conflagrado.

A proclamação de Manoel de Carvalho dirigida aos habitantes do norte, denunciando d. Pedro como «traidor» e concitando «as provincias não só a negarem obediencia ao governo imperial, como tambem a se ligarem por um pacto que se chamaria a Confederação do Equador», havia produzido o seu patriotico effeito, e não na Parahyba apenas, mas no Rio Grande do Norte e Ceará, na sua parte sul, repercutira o grito republicano de 2 de Julho encontrando decididos proselytos e tambem raivosos adversarios.

Era natural, pois, que esse contingente revolucionario, levando á sua frente o mais valoroso dos militares de seu tempo, por onde quer que passasse no seu obrigado itinerario fosse encontrando não só pronunciada scentelha de patriotismo incendiada no cerebro dos que sonhavam ardentemente uma patria livre, como ainda franca opposição dos que renegavam as idéas libertadoras apogados ao imperialismo. As tricas locais, assim, tornavam-se frequentes e maior era o seu ardor quando a noticia chegava da approximação do corpo expedicionario: para uns o momento era de maxima satisfação por terem o ensejo de abraçar os seus irmãos de idéas emancipadoras; para os outros, ao contrario, de indizivel contrariedade—um aspecto de terror na imminencia

em que estariam elles de uma vingança por parte dos mais exaltados, que com o grosso das tropas se julgariam, sem duvida, mais fortes, dominantes da situação. Os patriotas exultavam, enquanto que os imperialistas, ameaçados até de morte e de exterminio completo, consecuencia do «odio irre-freavel» que elles devotavam áquelles, abandonavam o terreno conquistado pelas hostes republicanas.

As cidades do Aracaty, S. Bernardo de Russas e Icó fôram passagens forçadas das tropas de Filgueiras. Grande era o enthusiasmo desses povos.

Os aracatyenses, os rusanos e os icóenses encontraram occasião azada para francamente se declararem ao lado da Republica triumphante, e enquanto os dois primeiros acceitaram e fizeram proclamar o governo republicano, os ultimos marcavam o dia 1 de Outubro para a sua adhesão a essa nova fórma de governo.

Toda estrada, porém, tem espinhos.

Na sua marcha Filgueiras encontra obstaculos de toda sorte que levam a sustentar guerrilhas, para as quaes faz destacar homens de sua maxima confiança. Consegue ainda assim abafar a impetuosidade dessas escaramuças.

Dando-se um incidente entre seus commandados, nada mais do que velada insubordinação da tropa, sob o falso pretexto de falta de pagamento de etapa vencida, e ao qual não foi indifferente um de seus fieis officiaes, elle, militar que não mede as consequencias, não encara o perigo, arremette contra os insubordinados e pune-os severamente; Cangussú, o cabeça, e seus comparsas pagam bem caro a audacia de se rebellarem contra as forças de um chefe valoroso como Filgueyras, e ali mesmo na praça mais publica da cidade do Icó é o insubordinado Cangussú degradado do posto que occupava na milicia, e, conjuntamente com seus companheiros de rebellião, entregue á justiça ordinaria «por serem indignos de servirem a patria».

Filgueyras, «que a espada sabia empunhar» de modo a infundir terror e respeito», consegue vencer as difficuldades que se antepõem á marcha e poucos dias depois eil-o no

Crato, ponto de concentração das tropas, á frente de sua expedição em demanda de Pernambuco.

* * *

Filgueyras manda á frente do seu exercito um corpo de duzentos homens. Seria a guarda avançada do reforço republicano. Seu mistér seria explorar a estrada onde havia de passar o grosso das tropas sediciosas.

Para commandante dessa arriscada expedição procura o general um soldado destemido, que não encarasse difficuldades. Recahiu a escolha no capitão *Maxi* [Maximiano Rodrigues dos Santos] «um homem de grande coragem, porém soffrego e imprudente». Por isto mesmo é que Filgueyras lhe confia tamanha e arriscada empresa que, em regra, somente é dada a um official experimentado nas lutas; *Maxi*, pelo seu passado, se impunha á estima do chefe. Sua missão patriotica, porém, não é bem definida e ao envêz de trazer para os logarejos de seu itinerario a confiança que é de esperar de uma força militar disciplinada, pelo contrario vae deixando nessa desorientada róta bem tristes e amargas recordações na prazia a miudo de actos reprovaveis e só proprios de bandoleiros. O roubo, a pilhagem á mão armada, o massacre de indefesas creaturas fóram actos de selvageria praticados por *Maxi* e os de seu conluio porque de outro modo não se pode classificar a phalange de aventureiros que, rotulados de «patriotas», iam commettendo as mais censuraveis tropelias por onde passavam, tropelias que estavam requerendo um correctivo immediato.

E foi justamente o que seccedeu.

A noticia de taes desatinos correu celere, e, em pouco tempo, nos arredores do Rio do Peixe sabia-se do designio daquella original «guarda avançada». A esse tempo, *Maxi* e seus soldados, transviados, porque a róta que lhes dera Filgueyras fóra propositadamente esquecida, galgavam a fazenda *Picada*.

Estremunhados, cansados de muitas infamias praticadas em caminho, embriagados na sua totalidade, acharam o mo-

mento propício para um descanso, que a longa travessia estava reclamando. Mal avisados, entretanto, não olhando para o dia de atrás em que tantas ignominias haviam levado a efeito, sem se aperceberem das inúmeras vítimas de suas torpezas, que haviam ficado na rectaguarda, clamando socorro, abrigaram-se no alpendre da fazenda e ali mesmo adormeceram.

Nesse estado de inercia fôram surpreendidos por uma porção de gente armada—tropas reunidas de Joaquim Pinto Madeira—o fusil do de 1834—José Dantas Rothéa e de um português de nome Luiz José da Cunha.

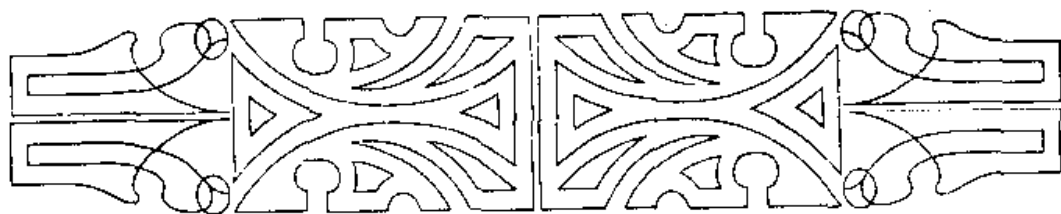
Maxi offereceu resistencia e esta foi cruenta, renhida, encarniçada. Cercados os seus homens por todos os lados, baldos de munições, não tiveram outro recurso se não empenharem-se em uma luta desigual, de corpo a corpo, na qual só poderia vencer, como de facto venceu, a parte atacante que arremettia com probabilidade de victoria desde que estavam senhores da razão enquanto que os atacados, se achavam embriagados, mal podendo sustentar-se de pé.

O massacre integralisou-se a ferro frio.

Os atacantes tiveram consideravel perda mas a tropa de *Maxi* ficou reduzida a zero, «sucumbiu á grande força e morreu quasi toda». De cento e oitenta pessoas que a compunham escaparam cinco!...

Filgueyras teve conhecimento do morticínio por um emissario de *Maxi*, que conseguira montar um cavallo, e, «tinto de sangue, da cabeça aos pés», chegou com vida ao seu acampamento, algumas dezenas de leguas á rectaguarda.

Era tarde, porém, para qualquer auxilio...



A EPOPEIA DE SANTA ROSA

«31 de outubro de 1824—Combate de Santa Rosa em que é morto Tristão Gonçalves. Commandavam as tropas imperialistas Manoel Antonio de Amorim e José Leão da Cunha, que tão tragicamente acabou. (BARÃO DE STUDART — «Datas e factos para a Historia do Ceará».

*
* *

*Junto ás cinzas de Tristão,
Quando do centro do chão
Ouviam-se briosos bravos:
As armas, irmãos ousados!
O que eu fiz, ora fazei;
Immortal fama ganhei;
Foi preciso em dura guerra
Meu sangue tingir a terra,
«Dar a vida pela grei...»*

(De uma poesia patriotica da epoca)



DESASTRADO fim do rebelde presidente da Confederação do Equador, no Ceará, era de esperar. Corrobora-o a sua defecção do Aracaty para o centro da provincia, ao ter conhecimento da restauração de Pernambuco e da proxima chegada de Lord Cochrane, na capital, factos assás eloquentes

para fazerem desbaratar um exército por mais organizado que elle fosse, naquelle tempo.

Restava, entretanto, a Tristão Gonçalves de Alencar Araripe nesse doloroso momento de sua vida atormentada u'a particula de sua vontade ferrea; e, ali, no improvisado aquartelamento de suas forças, na cidade do Aracaty (20 de outubro de 1824), reúne, em conselho os seus officiaes propondo-lhes a dispersão do exercito expedicionario, não querendo—agindo de modo contrario—sacrificar aquelles dois mil homens de seu commando, na sua mór parte, como elle, batendo-se por um ideal puro cuja propaganda, já na ultima phase, até ha bem pouco tempo, parecia ir alcançando a méta desejada, mas via, bruscamente, inopidamente, todo o esforço dispendido ruir por terra fazendo abortar a mais sublime de suas aspirações—o resurgimento de um governo republicano no Ceará.

Para os cabecilhas desse movimento, triumphante a legalidade, a lei seria, não ha duvida, inexoravel, applicada no seu maior rigor, sem contemporisações, de nada valendo as promessas de amnistia e de perdão, que diziam já existirem, principalmente para Tristão Araripe que agira sempre a descoberto com a intrepida franquesa de um revolucionario convicto de suas idéas. Não havia elle dissimulado um só instante de modo a deixar duvidas sobre a sua acção, fazendo vacillar os seus julgadores. Não. Os documentos comprobatorios de sua interferencia na revolução, são claros, são positivos, são indiscutiveis. Basta, para justificar-a, a acta da proclamação da Republica que tem a sua assignatura encimando centenas d'outras, todas como a delle, em igualdade de condições, responsaveis, portanto, pelos acontecimentos então desenrolados.

O chefe da esquadra bloqueadora, ingenuamente, ao que parece, julgava-se com poderes bastantes para perdoar os revoltosos, chegando até a fazel-o em documentos publicos. Passou, porem, pela decepção de ver, mais tarde, seus actos desaprovados pelo governo imperial sobre a allegativa de que—reza o Aviso de 22 de Janeiro de 1825—*ja estavam dadas todas as ordens para serem julga-*

des e castigados os réos da abominavel revolução sem que podesse valer aos revoltosos o perdão offerecido pelo sr. Almirante, que para isso não estava autorizado, nem o podia estar, quando a causa ultrajada era toda nacional.

Tristão, homem de vontade firme e inabalavel, «sem perder aquella serenidade e calma que só os heróes, as almas fortes sabem manter ainda mesmo na hora suprema dos sacrificios, dos perigos, do proprio martyrio», ao envés de fazer prevalecer a sua opinião —dispersando aquelle troço de homens bravos e decididos, por que para a revolução soára o momento angustiosissimo de seu esphacelamento, não havendo a minima parcella de esperanza de um triumpho, por mais remoto que elle fosse; ao envés de impor a sua reconhecida energia, não se oppoz, pelo contrario acceitou o alvitre suggerido pelos officiaes, seus subalternos, de marchar o grosso do exercito revolucionario para o interior á procura das forças de José Pereira Filgueyras afim de fazer com ellas junção. Chegara até num gesto de orgulho, arrogante, «recusando todo o conselho e protecção para se salvar», a dizer:

— «Não! Só poderei acceitar tal offerecimento se me fosse possivel levar, ao meu lado, os compenheiros que até agora se tem mostrado fieis para commigo e se tem ainda compromettido por meu respeito. Jamais deixal-os-ei, e, como é impossivel a fuga de todos, não penso absolutamente em tal designio. Com os meus sempre me encontrei até este angustioso momento, com elles correrei todos os riscos até a morte».

Resposta altiva, não ha duvida, e que honra sobremodo o seu autor. Era a lei fatal do destino, porém, a que ninguem escapa, que fria e cruelmente já ameaçava desferir o seu duro golpe sobre a cabeça de Tristão. A sua estrella, que até ahi reluzira, brilhantemente, na conquista maxima de seu elevado principio republicano, cabendo-lhe o bastão de chefe da escaramuça victoriosa, essa estrella tão fulgurante, tão radiosa em começo, de um instante para

o outro se offuscára trazendo para Tristão a mais acerba das desillusões, o mais cruel dos desenganos, com a circumstancia gravissima de fazer cahir sobre a sua pessoa o maior peso da responsabilidade do «malvado movimento».

Tristão Gonçalves, parece, tudo isto reconheceu. Não era mais aquella «alma afoita», aquelle espirito forte dos primeiros dias da propaganda republicana.

Obstinadamente, parecendo deixar-se levar pelos fados que, aliás, lhe eram adversos, margeia o «Jaguaribe» embrenhando-se pelo interior da provincia a ver se encontra Filgueyras para se reunir ao seu exercito, ignorando já experimentar este, por sua vez na sua cruzada, d'ssabores identicos.

Ha momentos, entretanto, em que o caudilho parece querer revoltar-se contra a realidade dos factos, tentando em esforços vãos, mas desesperados, congregar elementos de reacção. Dá então ordens severas, procura soccorrer-se de amigos que julga ainda possuir, mas que lhe faltam na occasião precisa. Não podendo então supportar a ingratiidão dos correligionarios, num desespero unico, vingativo, manda, na sua penosa jornada, incendiar propriedades, deixando á discrição de seus soldados o roubo e a pilhagem, episodios que se tornaram inarraveis, como o da hecatombe do «Boqueirão», de tristes reminiscencias.

E' este, talvez, o unico ponto vulneravel de sua vida porque do dinheiro arrecadado nos brigues inglêses «Lexford» e «Vestal», no porto de Aracaty, elle justificou muito bem o seu procedimento com a divulgação do teor dos recibos passados na occasião da presa.

* * *

Eil-o, afinal, em Santa Rosa, ponto culminante de sua accidentada trajectoria. Maior é ahi a sua empresa.

As deserções, no seu exercito, que na caminhada, iam sendo escassas, tornam-se agora continuas, restando-lhe daquella phalange heroica pouquissimos patriotas.

Mais um conselho de officiaes requer Tristão afim de deliberar sobre insucesso daquella predestinada rota.

Assim mesmo, desfalcado dos melhores elementos, numa teimosia inexplicavel, aliás congenita no guerrilheiro, consente elle no proseguimento da desnorteada marcha.

A contra-revolução, porém, já dominava a parte conflagrada da provincia.

Ha noticias das forças contrarias de Manoel Antonio de Amorim.

O conselho, novamente por Tristão consultado, é de parecer que se dê batalhas a essas tropas onde quer que se as encontrem. Mal sabia elle que o choque estaava imminente...

E assim amanheceu, para Tristão Gonçalves, o fatidico dia de sua grande desgraça.

* * *

Manhã de um sol queimante de outubro (31—1824). Confundindo-se com a ordem de marcha, ha um pandemonio na vanguarda.

Ao longe, poucos kilometros á frente, numa collina a esquerda, destingue-se desusado movimento de cavalleiros. São as tropas de Amorim, que haviam pernoitado naquellas paragens, ignorando—quem sabe? o paradeiro, passos adiante. das tropas de Tristão.

Concentram-se ali mesmo, no alto dispostos a luta, galhardamente.

Era chegado o momento dâ grande ansiedade, Tristão reconhece o perigo, mas não recua.

Não ha tempo a perder. Apresta-se o combate.

Ha, entretanto, nessa afflictiva situação para os combatentes do lado de Tristão maior surpresa ainda!... Fatalidade atroz!...

Bandoleiros, capitaneados por José Leão, do «Boqueirão», trazendo vivo á memoria o quadro tetrico do incendio da velha propriedade de seu pae Manoel da Cunha

Pereira, sedentos de sangue, cheios de odio, avançam pela rectaguarda.

O assédio está caracterizado, Tristão não esmorece.
—Fogo! E' a sua ordem de commando.

Ao primeiro combate vê cahirem dois dos mais leaes de seus companheiros. Tenta nova investida. Negam-lhe obediencia. Patenteia-se a falta de disciplina dos exercitos desorganizados.

Elle mesmo, em pessoa, vae desparar a pezada peça d'artilheria. Reconhece então a verdade da situação, nua, fria, desoladora: está só, unicamente só. Impossivel manter-se naquella posição, de todo insustentavel.

Colerico, enraivecido, despe a farda, monta o seu fogado ginete e procura refugio em direcção contraria aos atacantes. Um esforço supremo para salvar a vida, tão atribulada, tão cheia de vicissitudes. E' tarde, porem.

José Leão, que não o perdera de vista, rasteja os seus passos, e, em indagações sobre indagações, atravessa o «Jaguaribe», consegue vel-o adiante quando talvez, o heróe se julgava escapo, desmontado, enmaranhado no canto de u'a vereda e num cerrado de espinhos.

Um caribóca do sequito de José Leão, cumprindo ordens superiores, alcança-o, gritando:

—Morreu, capitão! E dispara-lhe, á queima roupa, certo tiro, que o vara na altura do peito, de um lado ao outro.

Outros mais chegam, ávidos de raiva, golpeiam-lhe a mão direita, mutilam-lhe o cadaver; e o proprio José Leão faz proezas deshumanas ante a heroica figura do grande vencido.

José Cambadinho—ironia da sorte!—outro perverso comparsa do sanguinario cortejo, para escarneo, corta uma das orelhas do morto, dizendo:

—Levem um pedaço da carne deste miseravel e digam por este mundo afóra—que o traidor Tristão Gonçalves já não tem mais vida.

Seriam os trophéos daquella scena selvatica.

«Exemplo nobre de Tristão, que se deixou matar, mas não capitulou».

E ali, naquellas éimas paragens, victima unicamente de seus idéaes, tombou, para sempre, o prestigiosissimo vulto da Confederação do Equador, aquelle que nos excessos de um patriotismo obcecado, possuido de justo orgulho, em carta dirigida a Mancel de Carvalho Paes de Andrade (30 de abril), dizia que nas patrioticas revoluções de 1817 e 1824 «o Ceará não cedera a Pernambuco em patriotismo e zelo por sua liberdade».

Seu cadaver ficaria insepulto, recostado, de pé a u'a jurema, por muitos dias, á espera que o tempo se occupasse de sua natural e completa destruição, se um coração generoso não lhe tivesse dado sepultura na capellinha de Santa Rosa.

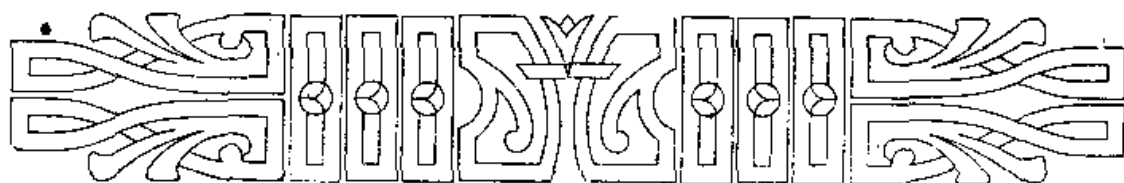
Dias depois, como epilogo do tristonho quadro debuxado, apparece Wenceslau Alves de Almeida assumindo a responsabilidade da morte de Tristão e pedindo ao governo a recompensa desse serviço.

José Felix d'Azevedo e Sá, que fora revolucionario, sendo um dos maiores da rebelião, mas que se passara para o lado dos imperialistas, encarnando assim toda a infamia do «commovente quadro da Confederação do Equador», dando apenas ligeira amostra de seu frouxo character, profere o seguinte despacho no requerimento de Wenceslau:

Si o supplicante matou a Tristão por espirito de patriotismo, deve estar muito satisfeito de ter librado a patria daquelle monstro: si o matou pela paga exija-a de quem a prometteu.

* * *

E' este o episodio de maior importancia na historia cearense, na parte que diz respeito á ephemera Republica do Equador.



"VALHA-ME O SENHOR DO BOM-FIM"

«Já tinham sido fusilados no Icó—Mendonça, escrivão da villa; José Felix, meirinho da mesma villa; José Viegas Frazão (de Lavras); e Silvestre, liberto... "Antonio de Oliveira Pluma, também condemnado, escapou a tres descargas seguidas".

J. BRIGIDO—Ceará---(Homens e Factos).



NAQUELLE dia de Outubro de 1824 percebia-se qualquer cousa de novo na villa do Icó. Só assim poder-se-ia motivar tão desusado reboliço do povo.

As tropas republicanas haviam, na vespera, abandonado o terreno de suas conquistas. Soube-se então. E' que começavam a chegar as primeiras noticias do revés da Confederação do Equador.

Ninguém, portanto, punha mais duvida sobre a má estrella, que havia presidido os destinos da desastrada revolução, que, tendo seu ponto de apoio em Pernambuco, tão cheia de enthusiasmo se irradiaria pelas provincias circumvisinhas, «irmanadas pelos mesmos interesses de liberdade e de engrandecimento».

Os *corcundas*, ou anti-independentes, parcella fraccionada do partido dominante ao tempo da Independencia, e, na sua mór parte, composto de portuguezes—classe poderosa que na provincia dominava, exultavam á hora da vingança. Iriam, de certo, tirar u'a desforra dos muitos vexames e perseguições, que haviam soffrido de seus contrarios—os *patriotas*, u'a acção politica em franca opposição ao governo imperial, mas que, paradoxalmente, não deixava de regatear louvaminhas, com protestos de lealdade, á pessoa do Principe.

O odio existente nos grupos descordantes, resquícios oriundos ainda da reacção de 1817, não era pequeno. Aguardava-se, ao que parece, o momento propício em que se podesse desabafal-o, publicamente. Quem se julgasse mais forte que suppl ntasse o mais fraco. O dissidio era evidente, se denunciára cheio de rancor para ambos os lados. A situação era de terror.

Boatos impressionantes frequentemente surgiam trazendo pronunciado desanimo para as respectivas fileiras antagonicas.

Sabia-se na villa, commentando-se nos arredores, da defecção dos republicanos no Aracaty e em S. Bernardo de Russas, e da restauração da causa legal ali, a primeira ao mando de Luiz Rodrigues Chaves, um nome que a principio se tornara sympathico ás hostes revolucionarias mas que, traíndo as suas idéas, sellára um compromisso de honra com o governo imperial, em Recife, de fazer a contrarevolução no Ceará. Garantira, em troca de seu perdão pelo crime de haver abraçado a causa republicana, guerrear os seus proprios amigos da vespera.

Tal noticia era de pavor, ainda mais reanimava aos que se batiam pelo ideal imperialista.

A retirada de Tristão Gonçalves para o centro da provincia fóra recebida alviçareiramente por uns, contristadoramente por outros.

Os soldados desse bravo legionario nessa penosa jornada, dizia-se á bocca larga, aliás com visos de verdade, am aos poucos desertando,

Cochrane, somente com a noticia de sua chegada á capital, ja o faziam commandando valorosas forças, fundeado no porto, assestando para terra as poderosas baterias de sua esquadra, sem duvida promptas ao primeiro disparo, caso o detentor do poder não se rendesse proclamando, immediatamente, o governo imperial, quando o certo é que aportára o almirante, ali, á frente de insignificante tropa de marinha, desembarcando, pouco tempo depois, «em meio do terror e acobardamento dos republicanos» com cêrca de sessenta marinheiros.

A fraqueza de José Felix de Azevedo e Sá, figura saliente no movimento e a quem Tristão, como seu substituto immediato na presidencia da novel Republica, confiara o poder, era posta em prova. Quem o conhecia de perto, «typo acabado do traidor e covarde», não duvidava de sua rendição. Para remir a vida, de certo, não teria pejo de humilhar-se, entregando-se de corpo e alma aos imperialistas.

E, de facto, com o bloqueio de Cochrane, em Fortaleza, tornara-se elle pusilanime, «instrumento docil e vil nas mãos dos vencedores».

* * *

A manhã de 28 nascera movimentada, inquietadora. Havia, sem duvida, qualquer cousa de anormal, na villa, um grande rumor de gente que denotava novidade. Os horisontes politicos estavam cada vez mais turvos. Rumurejavam intrigas pequeninas, rugas do meio matuto, ignáro.

Já anteriormente, a 25, em reunião solenne da Camara, os imperialistas, assistidos do povo, haviam proclamado o governo de Principe Regente, e, entusiasticamente, feito fincar, no mastaréo do edificio a bandeira imperial.

Um documento official firmaram, nesse dia, e nelle, ainda vacillantes e medrosos, como deixaram transparecer nas assignaturas, visivelmente tremidas, disseram que haviam acclamado e jurado a Republica, do Equador cedendo ás

injunções do mais forte. Embora não tivessem feito causa commum com os revoltosos, deixaram ainda escripto que assim fizeram coactos e temerosos da morte, esperançosos de que a »tyrania pouco duraria».

Foi então lida, «aprovada e unanimemente jurada» por grande numero de icóenses, "a constituição offerecida pelo monarcha á nação brasileira". Nessa mesma occasião "são visados todos os actos escriptos em prol da Republica". Posteriormente José Felix approva tal providencia, determinando tivessem procedimento identico todas as camaras da provincia.

O Vigario Felipe Benicio Mariz, o padre Manoel Felipe Gonçalves, os cidadãos Henrique Luiz Pedro de Almeida, coronel João de Araujo Chaves, João André Teixeira Mendes e Manoel Antonio de Amorim, em pleito original e simulado, fôram eleitos membros de um governo temporario e que passaria a tomar conta do poder até quando a situação anormal entrasse nos seus verdadeiros eixos. A presidencia e secretaria desse governo recahem nas pessoas dos dois sacerdotes. Os demais figuram como vogaes e o ultimo como commandante das armas, tendo como substituto Manoel de Souza Pacheco Tigre.

Circumstancia digna de nota: o padre Felipe Benicio Mariz e o coronel João de Araujo Chaves haviam assignado a acta do *Grande Conselho Provincial*, de 26 de Agosto, que proclamara a Republica em Fortaleza.

Amorim, sequioso de vingança, é mandado ao encontro das tropas de Tristão. Tem de obstar a sua marcha, a sua junção ás tropas de Filgueyras.

O capitão de ordenanças de Rio do Peixe, Agostinho José Thomaz de Aquino, que se havia reunido ao governo temporario, por sua vez, é despachado rumo a Filgueyras, que seguirá para o Crato.

Os animos continuam, porem, incendidos, exarcerbados. Não se podia sopitar o odio dos imperialistas. Elles já se julgavam vencedores, senhores do poder.

Constitue-se uma commissão que passaria a julgar os implicados na revolução do Equador. Agostinho, que não

havia ainda partido para a missão designada, a ella é incorporado, muito influindo nos seus destinos. O mesmo succede com João André Teixeira Mendes, tão exagerado em suas paixões pessoaes e partidarias. E' a «famigerada» *comissão matuta* de que nos fala a historia.

Funciona prepotentemente. Della nenhum documento official foi legado aos nossos dias,

A musa popular, que não perde as occasiões e sabe muitas vezes aproveitar-se da situação, ao seu tempo dá u'a idéa de sua acção nestes simples versos:

"A intrusa commissão
Do Icó, por natureza
Quer gosar de mais nobreza
Que o chefe da nação!
Mataram sem compaixão,
Sem temer um Deus amado;
Um tal, que ahi estava,
Um vil Amorim chamado,
Dizia—morra enforcado
Tudo quanto é patriota
Não temendo a revolta...

Quem tinha contas a ajustar com qualquer membro do governo temporario que estivesse de alcateia, pois lhe estavam reservado cruel sorte, ou destino ignorado.

Devassas iniquas foram ordenadas, processos monstros, verbaes e summarissimos, foram feitos para os quaes não havia recurso algum legal. A condemnação fazia-se sentir ao primeiro gesto impulsivo dos improvisados juizes, que só vi-savam os seus inimigos, não só os da causa commum como até a particulares. Sob o manto da legalidade commettiam-se as maiores tropelias, «toda a casta de attentados».

Nunca as disposições das Ordenações do Reino, que prescreviam «morte natural cruelmente» pelo crime de lesa magestade ou traição commettida contra a pessoa do Rei, ou seu Real Estado, gravissimo e abominavel para aquelles tempos, foram tão estropeadas.

De nada valeram os rogos do secretario do governo temporario padre Manoel Felipe Gonçalves. Seu protesto solenne, decisivo, energico, ante tamanhas crueldades, não foi ouvido pelo discricionario tribunal julgador.

—Renuncio o logar que tenho nesse governo. affirma o padre, por que não quero e não deyo emprestar a minha humilde individualidade ás atrocidades, que se estão levando a effeito em nome da legalidade. O meu character de sacerdote—adiantou—me prohibe de concorrer para que se derrame tanto sangue sem justa causa; de pessoas indefesas e at: de innocentes creanças! Que Deus se amerceie de vós, impiadosos juizes, profligou, por ultimo, o padre Manoel Felipe. E abandonou aquelle ajuntamento illicito.

Nada se evitou, porém. A ira dos rancorosos inimigos não poudo ser suffocada.

O escrivão Manoel Francisco de Mendonça, o meirinho José Felix, o liberto Silvestre e José Viegas Frazão [de Layras], «entidades aliás mui secundarias no movimento», foram verbal e summariamente justicados, e, em pleno dia, e, em plena praça publica, arcabuzados ante u'a população estarrecida.

Antonio de Oliveira Pluma, que na acta do Grande Conselho deixara escripto o seu nome ajuntando o appellido de *Pau Brasil*, como o fizera o seu companheiro de infortunio Manoel Francisco de Mendonça, já fusilado, é levado para o supplicio. Seria o epilogo da sanguinolenta encenação. Realizar-se-ia, ali, o seu ultimo acto.

Sentam-n'o em uma cadeira de proposito preparada para o tragico fim. Vendam-lhe os olhos, amarram-lhe braços e pernas. Deixam-n'o á frente de seus carrascos fúlos de raiva, sedentos de sangue.

—Fogo! E' a voz de commando, tremula, desorientada.

—«Valha-me o Senhor do Bom-Fim!...» Deixa escapar, medroso, o condemnado.

Uma descarga forte, sibilando, vagueia no espaço, sem comtudo terir o alvo desejado. Fica, entretanto, o corpo de delicto de tão iniqua barbaridade—as balas encravadas no paredão do angulo da cadeia.

—Fogo!

—«Valha-me, o Senhor do Bom-Fim!...»

Terceira descarga é ordenada, desta vez, porém, firme e segura.

Ouve-se ainda esta exclamação imperativa e em altas vozes:

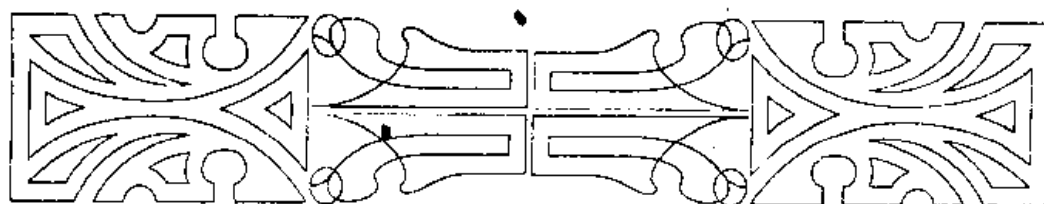
—«Valha-me o Senhor do Bom-Fim!»

O alvo ambicionado é ferido em cheio, afinal. A victima, confiante na sua fé religiosa, torna-se, entretanto, indifferente á sanha de seus algozes. Está crivado de balas; cheio de vida, porém.

A multidão silenciosa, aterrada, descobre no extranho caso qualquer cousa de extraordinario, sobrenatural. Não se pode conter. Arrebata a victima das mãos de seus verdugos. Leva-a, em charolla, á capella proxima do Senhor do Bom-Fim, duzentos metros adiante, em testemunho da solenne graça divina por ella recebida.

Pluma se restabelece. O milagre se opera...

NOTA—Diz o Desembargador Paulino Nogueira (*Execuções de Pena de Morte no Ceará*) que Pluma viveu muitos annos ainda. Em 1841 exerceu o logar de Promotor de Justiça da comarca de Baturitê.



A deserção de José Félix

«...mas ali em Fortaleza o que existia era a infamia culminante de José Félix, qua desertando do meio dos rebellados, ere agora o maior perseguidor da revolução.»

VIRIATO CORRÊA. *«Contos da História do Brasil».*

ENTRE os vultos de incontestavel proeminencia da Confederação do Equador, no Ceará, nenhum desempenhou papel tão triste, digno das mais acres censuras, quanto José Felix de Azevedo e Sá.

Os seus contemporaneos pintam-n'o como um homem cheio de grandes erros, como tal accusado de «versatilidade de character, de deslealdade á causa republicana, de traição aos amigos e de ambição ao poder».

Alguem estudando-o nas particularidades de sua vida publica já pretendeu attenuar as suas maximas faltas. Em que pesem, porem, o saber e illustração de quem chamou á sua responsabilidade tão ingrata tarefa—o sr. desembargador Paulino Nogueira—o pedestal em que se alicerça a ignominia de José Felix não derruiu absolutamente nem se-

quer soffrendo o menor abalo. Ao envêz de absolvel-o do caracterizado crime de perjurio para com os de seu ideal republicano, antes condemnal-o-á, de certo, á execração publica.

José Felix foi um predestinado, conseguindo, por mais de uma vez, galgar o governo da provincia. Da primeira fôra guindado á culminancia do poder por um acaso, obra unicamente de méra audacia, como querem os seus biographos.

Certa vez, occasionalmente, encontrava-se elle na praia do Pecém quando ali aportou u'a náu estrangeira. Vinha, sem duvida, arribada. De seu bordo vieram á terra alguns piratas francêses. José Felix prendeu-os e, em seguida, fel-os apresentar ao governador, que era a esse tempo Luiz Barba Alardo de Menezes. Este administrador deu tanta importancia a tal diligencia que commeteu ao seu audaz executor a missão de escoltar os prezos ao Rio de Janeiro até á presença do Imperador, que lhe dispensou honrarias em paga do real serviço prestado.

A este facto, diz o sr. Paulino Nogueira, deveu elle a posição social, que mais tarde veio a desfructar.

* * *

José Felix, que se impuzera á estima do Imperador, «affeição manifestada por actos de tamanha significação em momento opportuno, foi espontaneamente eleito *Conselheiro do Governo*, grande e ambicionada distincção, que corresponde hoje a vice-governador ou vice-presidente».

«Proclamada em 1824, na capital, a *Republica do Equador*, e acclamado Presidente o tenente-coronel Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, teve este de partir a 17 de Outubro para o Aracaty, afim de bater os contra-revolucionarios ou imperialistas, que trabalhavam fortemente contra a nova ordem de cousas.

«Na sua ausencia José Felix assumiu as redeas da administração como conselheiro immediato em votos, adherindo assim ao movimento revolucionario.»

«No dia seguinte, porem, fundêa no porto da capital, com geral e profunda surpresa, a esquadra imperial ao commando do almirante Lord Cochrane, Conde de Dundonald e Marquez do Maranhão, investido pelo imperador da missão de pacificar as provincias do norte rebelladas.

«A noticia derramou-se pela cidade com a rapidez e a electricidade do raio, fulminando todos de invencivel terror; mas José Felix, mais sagaz do que intelligente, aproveitando-se do abandono da população e do silencio da noite, dirigiu-se cautelosamente para bordo em uma jangada, e pôe-se á disposição do Lord e combinam novos meios necessarios a levar a effeito, com a maxima liberdade e segurança, a contra-revolução. Por precaução tinha incontinentemente feito arvorar a bandeira imperial em todos os edificios publicos, inclusive a fortaleza».

O alvitre suggerido por José Felix, «que num assomo de covardia entregou a praça, sem dar um tiro, pondo-se ao serviço de Cochrane para remir a vida», foi bem acolhido pelo chefe da esquadra surta no porto de fortaleza.

Em momento tão angustioso, com as providencias oriundas da conferencia, que tivera José Felix com Cochrane, seria evitado o choque das forças legaes com os insurrectos, o que bem quadrava, consoante opinião dos que estudaram a individualidade do almirante em chefe, com as boas intenções de que vinha este possuido, offerecendo—*«o perdão franco de Sua Magestade a todos aquelles que tornassem sem hesitação ou demora aos seus deveres e homenagens»*.

José Felix emprestaria, portanto, todó o seu apoio official no sentido de ser feita a contra-revolução, não só pondo ao conhecimento do chefe do bloqueio todas os minimos incidentes, que haviam antecedido e succedido ao patriotico movimento, como até usando de manhosos artificios de modo a poder captar a confiança do almirante. E elle bem o podia fazer, senhor, como era, do terreno conquistado e conhecedor ainda das menores particularidades da revolução. Passara a ser assim o élo principal da marcha dos acontecimentos, que se desenrolaram na capital depois da chegada das tropas legaes e por onde melhor teriam

curso as providencias officiaes, mas somente daquelles que, ou por conveniencia de ordem pessoal ou administrativa, só podiam ser emanadas do commando em chefe da esquadra, cujo pavilhão era arvorado na náu *Pedro I*.

E se bem soube José Felix, com proclamada sagacidade, furtivamente, correr ao encontro de Cochrane, levando os seus protestos de lealdade á causa imperial, melhor desempenhou o papel, que lhe coube na governança na qual fôra conservado para castigar os revoltosos, mais tarde «entregando-se, pode-se assim dizer, de mãos atadas a Conrado, que era o unico poder real da Provincia, dispondo a seu talante da força armada, e do supremo tribunal de sangue, que acabava de installar».

Diz o desembargador Paulino Nogueira que tal era a timidez em que vivia José Felix que na correspondencia official com o Presidente da *Commissão Militar* empregava o verbo-*participo*, só usado de inferior para superior, e dava-lhe *excellencia*, quando os Commandantes das Armas só tiveram senhoria por dec. n. 209, de 2 de Agosto de 1842! Os Presidentes de Provincia, accrescenta, só tiveram *excellencia* pela lei de 3 de Outubro de 1834.

«Para dar arrais de sua adhesão á monarchia triumpante o Presidente da Provincia [José Felix] fez descer antecipadamente sua autoridade aos detalhes mais repugnantes nos aprestos do cadafalso, os quaes bem podiam correr sem sua directa intervenção».

* * *

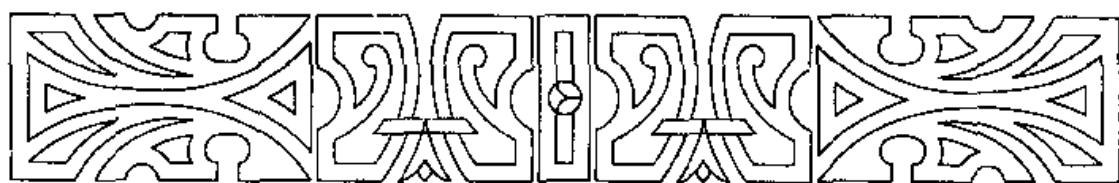
José Felix não pode ser escusado de suas innumeras culpas. Adherindo á rebellião, era natural que, na qualidade de substituto immediato em votos, na ausencia do effectivo, assumisse a governança, o que, de facto, succedeu para desgraça dos que haviam proclamado em 24 a Republica no Ceará.

Sua maneira de agir no leme da provincia «fazendo pacto com os imperialistas, remindo a vida pela humilhação de continuar no governo» logo que teve noticia do anacor-

douro no porto de Fortaleza da esquadra imperialista, attesta quanto o seu espirito estava cheio de ambição, sonhando, talvez, com mais u'a aventura igual a que a fortuna já lhe havia favorecido uma vez e por força da qual lhe advieram merecidos galardões.

Que seus intuitos, procurando Cochrane, foram todos de paz «no interessé de garantir seus concidadãos, a quem a resistencia só podia ser fatal», ha quem o affirme. Procedente, porem, seria essa justificativa se outros fossem os sentimentos de José Felix, não provindos de um typo a quem faltavam os mais comesinhos requisitos de intelligencia, espirito nimamente fraco, educado na craveira commum, em epoca tão obscura e em que maior era a ignorancia, elle que no dizer dos seus contemporaneos, era um exemplo vivo dos afortunados, quando não passava de simples agricultor que só a golpes de audacia por tres vezes galgara as alturas do poder, aliás, em quadras difficilimas para a causa publica. Não se justifica o seu procedimento entregando-se de corpo e alma aos imperialistas. O proposito que elle mantinha, segundo se diz, de evitar a effusão de sangue com u'a resistencia que, talvez, no seu modo de pensar, seria vã, improficua, de toda nulla, cae tambem por terra. No pé em que se achava o movimento revolucionario dominado pelos revoltosos, que já haviam conquistado o theatro de suas operações sem a menor gotta de sangue, o o que muito influira no animo das tropas rebelladas, tornar-se-ia difficil fazer-se qualquer conjectura não se podendo prever c bom ou máu augurio do primeiro choque que por ventura houvesse entre as forças imperialistas e republicanas, maximé sabendo-se que Cochrane «occupara a capital com u'a força insignificante de marinha». Cabia ao destino naquelle momento, decidir a sorte da mallograda Republica no Ceará.

José Felix assim não o quiz, collaborando, directamente, para o martyrologio que poz termo ao desgraçado movimento, u'a vez que «com a sua passagem para os imperialistas, pondo-se, sem a menor resistencia ao serviço de Cochrane, começou a reacção e esta foi tremenda»...



O Padre Mororó em face da historia

«Tristão mandou chamar meu tio para secretario. Elle respondeu-lhe que houvesse de desculpal-o pois era um padre baldo de conhecimentos, que fazia sua subsistencia de capellarias pelo sertão, onde estava familiarisado, e por conseguinte incapaz de exercer um emprego que demandava tanta sciencia, principalmente em tempos em que tantas difficuldades se tinham a vencer».

(Das «Memorias» do Professor Manoel Ximenes de Aragão).

I

 **M**ORORÓ, conforme os chronistas, foi figura saliente na malograda republica conhecida pelo nome de «Confederação do Equador». Secretario do Governo Republicano de 1824, no Ceará, elle teve os seus dias de gloria, como teve os de angustias e de dores. Caprichos do destino...

Seu perfil é assim descripto: (1)

(1)—J. Brigido—«Biographia de Mororó», in «Miscellanea Historica» pag. 4.

«Destinado por seus paes á vida sacerdotal, a melhor carreira que se offerencia aos moços de fortuna residentes no interior da Capitania, foi mandado para o seminario de Olinda, então sob a direcção do sabio prelado d. José Joaquim de Azeredo Coutinho, um dos homens mais benemeritos dos tempos coloniaes. Além das materias exigidas para a ordenação, ali estudou physica e historia natural, adquirindo uma boa reputação entre seus collegas. Foram elles Miguelinho, Caneca, João Ribeiro e outros, tão famosos pela sua illustração, como pelo seu martyrio.

«Conta-se que o illustre prelado pedira, um dia, que lhe mandassem do seminario um bom copista. Gonçalo (Mororó), que tinha uma letra excellente, lhe foi enviado, e teve de demorar-se em sua companhia tempo bastante para fazer-se conhecer até o fundo d'alma.

«Este moço, disse Azeredo, ha de perder-se na primeira revolução, que houver no Brazil!»

«Terminados os seus estudos, e tendo já um fundo consideravel de conhecimentos, voltou para sua provincia, onde se applicou á oratoria sagrada, fazendo della a sua mais grata profissão».

.....
«Nas grandes festas, que tiveram logar no Forte, em 12 de outubro de 1816, anniversario do principe da Beira (Pedro I), promovidos pelos militares para solemnização do decreto de 16 de Dezembro de 1815, que elevou o Brasil á categoria de reino, foi o padre Gonçalo escolhido para pregador.

«Taes foram os triumphos da sua palavra, que Sampaio se sentiu lisongeadado de admittil-o á sua privança, e o tomou para seu commensal. Esta honra concedida pelo Governador era demasiada naquelles tempos, em que os homens revestidos dos altos cargos se julgavam superiores a todas as attensões e respeitos, que se despendia com elles».

Quem, em tempos tão obscuros, quando «um decimo, ou menos ainda, da povoação sabia ler, o mais vivendo uma vida puramente animal, entregue aos seus instinctos e

affeito á barbara educação daquellas epocas» (2), possuia tamanhos dotes intellectuaes, era natural a cubiça de sua privança, como succedeu com Mororó no Governo de Sampaio [1812-1820), prestigio, aliás, que lhe veio da defesa feita a aquelle governador das muitas accusações, que pezavam sobre o mesmo.

Tal importancia, pensamos, podia ser levada em conta á maneira franca e rude de Mororó falando a Sampaio—facto raro naquella epocha de absolutismo—e alludindo, acrimoniosamente, ás perseguições movidas contra as pessoas que se salientaram na revolução de 1817, as quaes, miseraveis victimas, não tinham um carinho amigo por fôrça do cruel castigo então reservado aos que censurassem ou mesmo se compadecessem de tal criminoso estado de cousas.

Mororó, senhor de um espirito ousado, tocando ás raias do atrevimento, não calou, denunciando, com sobrançeria, os feios e negros crimes. Testemunha occular do horrivel quadro, vendo, alem do mais, em o numero dos soffredores, individuos de alto merecimento, alguns seus collegas, como elle ministros de Christo, vae a Sampaio e numa linguagem incisiva, embora com lagrimas nos olhos, exproba-lhe o vil procedimento de modo a conseguir amenizar o soffrimento daquella gente (3). No dia seguinte,

(2)—V. Brigido—«Ligeiras considerações sobre as lutas de 1824, in Rev. do Inst. do Ceará, tomo II, anno 188, pag. 8.

(3)—Contam os seus contemporaneos que Mororó, dirigindo-se ao palacio do governador, travou com este o seguinte dialogo :

«Como é, sr. Sampaio, que se tem um coração de ferro como o sr. ? Como se trata os ministros de Christo com tanta deshumanidade e vituperio, consentindo-se, que, alem de presos, estejam nus, cobertos de cabellos, comidos de pulgas, piolhos e percevejos, e das mais immundicias que perseguem ao pobre preso, que dorme no chão puro, como elles!? Ah! sr. Sampaio, lembre-se que é homem e como tal exposto a lhe caber a mesma sorte!... Compadeça-se daquelles desgraçados, mande, sequer ao menos com que cubram suas carnes, e matem a devorante fome!...» E não podendo dizer mais

assiste, todo cheio de si, certo de seu valor pessoal, a mudança da abominosa scena: os prezos tirados da masmorra em que jaziam, consentindo-se até aos que eram padres á celebração do santo sacrificio da missa.

Foi no auge desse prestigio, senão augmentado, pelo menos conservado nos governos subsequentes—Rubim e Juntas governativas—que o foram encontrar as escaramuças de 1824.

nada porque as lagrimas e os soluços lh'o impediam—Meu padre, diz Sampaio depois de algum tempo de meditação: «não penseis que eu me compraza com as miserias de meus semelhantes, nem que tenha odio ao povo brasileiro, antes lhe sou grandemente afeiçoado. As terminantes ordens que tenho são que poseram aquelles infelizes no estado em que os vistes; porém, desde já vou ordenar que a sua sorte seja melhorada». (*Memórias do prof. Manoel Ximenes de Aragão*).

Esta parte é contestada pelo sr. Barão de Studart que, rebatendo a insinuação do sr. Desembargador Paulino Nogueira, dando Mororó como secretario de Sampaio, chegando até a excitar no governador o animo contra os prisioneiros de 1817, quando entregando ao mesmo pungentissima carta que lhe havia sido escripta pelo padre Alencar, «valendo-se delle como seu irmão em Christo, para que conseguisse do governador mandar aliviar a sorte sua e dos seus desgraçados companheiros, ao envez de interceder pelo seu irmão infeliz, poz á margem de dita carta as seguintes palavras: «Como irmão poderia interessar-me pelo preso mas como subdito do rei, voltando-lhe as costas sempre lhe direi: Morra o trahidor».

«Não é verdade,—diz o Barão de Studart—e para rebater a accusação basta recordar que o padre Gonçalo fixara residencia em Campo Maior de Santo Antonio (Quixeramobim) «e nunca foi secretario de Sampaio», e sim José Rabello de Souza Pereira, substituido durante o tempo de sua estadia em commissão no sul por Vicente de Castro desde 4 de agosto de 1815 até a sahida de Sampaio. E' certo que militava ao lado dos realistas, sendo um dos signatarios da Acta da Sessão de Acclamação de D. João VI na dita villa a 4 de Maio; esteve, é certo, em Fortaleza em novembro de 1817 mas ja a esse tempo os Alencares tinham sido enviados para Pernambuco, donde se conclue a impossibilidade de tal nota á margem da carta de Alencar». (Barão de Studart. O movimento de 17 no Ceará).

Tristão, a «figura mais sympathica e saliente do movimento», soube muito bem aproveitá-lo.

Esse mesmo Tristão—diz-o um seu biographo—si bem que homem intelligente era sobremaneira emphatico, e o seu discurso recahia para a palavrosidade ôca e sem significação. Refirindo os mais graves acontecimentos de sua campanha, em vez de adstringir-se a uma maneira grave e seria, como lhe convinha na qualidade de chefe sobre quem pesavam as mais temendas responsabilidades, usava de uma linguagem sobrecarregada de tropos insignificantes, que não esclareciam senão que embaraçavam o pensamento. O documento, em que dá parte a Manoel de Carvalho da deposição de Costa Barros, é uma peça do genero (4).

Na luta que se empenhara para alcançar o fim collimado, isto é, a effectividade desta republica tão desastrosamente idealizada e levada a effeito, não se podia prescindir do concurso de um vulto cujos talentos eram incontestes, como de facto succedia com Mororó, possuidor de uma illustração pouco vulgar «em um tempo em que eram d'um preço inestimavel os trabalhos da intelligencia».

Vejamos u'a amostra dos cabedaes literarios de Mororó:

Consoante affirmativa do coronel João Brigido, como repentista ninguem o excedia:

«Um dia, refere um dos seus discipulos, entrando em casa, atirou o chapéo a um canto da sala, e tomando de uma penna, lançou de improviso duas proclamações para Tristão e Filgueiras, tão vigorosas e bem acabadas, que os membros do governo do Rio de Janeiro, pouco conhecedores de seu talento, attribuiram-n'as á penna illustre do padre Caneca, tendo por impossivel que no Ceará ja se escrevesse em estylo semelhante.

«Era de u'a memoria pasmosa. Leccionava o latim, sem abrir nenhum dos classicos, notando, todavia, a menor omissão, que commettessem os seus discipulos. Fazia versos latinos de grande perfeição.

(4)—João Brigido, apud. Virgilio Brigido, *ibidem*».

«Poeta lyrico, pregador sagrado, escriptor politico, jurisconsulto e botanico, deixou escriptos importantes, dos quaes apenas foi publicada a sua oração recitada por occasião da phantastica elevação do Brasil á cathegoria de reino.

«Suas poesias perderam-se quasi todas. Apenas algumas foram conservadas, porque os apaixonados do seu estro as decoraram. Ficaram, porem, desfiguradas pelo correr dos tempos. (5).

O autor destas linhas transcriptas diz possuir uma bella ode á revolução de 1817, outra offerecida ao desembargador João Antonio Rodrigues de Carvalho, e os fragmentos de algumas rimas, mimosa composição, que tem por assumpto—«Villa-nova» (6).

Diz o mesmo escriptor constar-lhe existir ainda da lavra do padre Mororó u'a memoria sobre a carnaúba, trabalho de merecimento, e igualmente raro.

O sr. Barão de Studart, por sua vez, affirma possuir, em seu precioso archivo, o original de importante manuscrito sobre factos politicos do Ceará e homens de seu tempo, do padre Mororó, ao qual em breve dará publicidade.

II

A historia não é exacta, quando eleva a obra de Mororó á altura de um dos mais abnegados proselytos da revolução de 1824, senão a maior victima dos que pagaram, com a vida, a sua arrojada ambição, querendo fincar no sólo patrio a arvore da liberdade, como os pernambu-

(5)—«J. Brigido, op Cit».

(6)—Não só a Ode—«Revolução de 1817»,—como a que era dirigida ao Ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, ambas da lavra do padre Mororó, já foram publicadas pelo extincto «Unitario», de Fortaleza, existindo os respectivos originaes em mãos do exmo. sr. Barão de Studart.

canos, meses antes, em Recife, já haviam feito, «ligando-se por um pacto republicano» e proclamando a «Confederação do Equador».

Facil será a justificativa:

Sabendo Tristão das idéas republicanas professadas por Mororó e conhecedor do seu grande preparo, divisoa na sua pessoa aquelle que o poderia auxiliar no systema de governo que pretendia implantar no Ceará, convidando-o então para seu secretario (7). Mororó excusou-se ao chamado sob o falso pretexto de ser um padre «baldo de conhecimentos», allegando «fazer sua subsistencia de capellania pelo sertão, onde estava familiarizado, por conseguinte incapaz de exercer um emprego, que demandava muita sciencia, principalmente naquelle tempo que tantas difficuldades tinha de vencer».

Tristão não acceitou a desculpa. Insistindo no convite anterior, por varias vezes, acabou ameaçando-o de prisão caso persistisse o padre em desobedecel-o.

Só por força dessa ameaça—affirma-o Ximenes—, é que Mororó obedeceu a Tristão, isto fazendo—attentem bem—«com a maior brevidade».

Analysemos, por parte, as falhas da historia. Neste particular é evidente a sua contradicção.

Como poder admittir um homem, que apregoava publicamente theoriãs republicanas, posteriormente accusado de ter proclâmado a Republica em Quixeramobim—é a historia que o affirma (8), sentindo-se sempre com a coragem precisa para pôr a descoberto os erros de seus semelhantes.

(7)—«Memorias do prof. Ximenes, cit.».

(8)—«A Camara de Quixeramobim, em uma reunião do povo da villa, tinha proclamado a exautoração de Pedro I e a queda de sua dynastia, lembrando a organização de um governo especial para o Ceará.

Uma deputação do seio della, de que fazia parte principal o padre Conçalo (Mororó), foi ao encontro de Filgueiras e Tristão, que no seu orgulho de conquistadores acolheram esta tentação como uma esperanza de rehabilitação e successó».—«J. Brigido, Resumo da Hist. do Ceará pag. 31».

aliás em epoca de terror como aquella resultante da revolução de 17, quando a occasião se offerecia em que podia melhor expandir essas mesmas idéas, tornar em pratica o que até então era pura theoria, como poder admittir que elle se negasse ao chamado para o posto que lhe competia, como sendo o typo que maior somma de conhecimentos literarios e scientificos armazenava entre os que applaudiam e acompanhavam o seu credo republicano?! Não se justifica a acção de Mororó.

Objectar-se-á proceder elle assim em reconhecimento ao terreno sáfaro em que se ia alicerçar a sonhada Republica, vendo os seus pródromos descanzando em fâlsos esteios, antevendo o insuccesso da causa, enfim, «não devisando nenhum fundamento por onde o Ceará podesse proclamar uma Republica estavel e liberal, embora lhe não faltassem meios de defêsa, bastando somente a lembrança de que Pernambuco e o Ceará não se podiam sustentar somente».

Tanto previa elle as más consequencias da acção posta em pratica por Tristão Araripe—dirão os que leram Ximenes—que, ao deixar Quixeramobim, teve o presentimento de abraçar, pela ultima vez, sua cara irmã, mãe do mesmo Ximenes, e demais parentes.

Mororó vacillou naquelle decisivo momento. Aliás tal estado de fraqueza não foi unico em sua vida (9). Teve,

(9)—Na edição do «Diario do Governo do Ceará», de 17 de novembro de 1824, encontra-se uma despedida do padre Mororó, em forma de aviso, ao seguir para o Rio de Janeiro.

E' de extranhar a sua redacção que não está relativa com os talentos do padre, suppondo-se ter sido a mesma escrita em momento de grave perturbação de espirito ou feita por outrem a mandado de Mororó, sem que, entretanto, pozesse elle as vistas em tal manuscrito.

Eis o aviso referido:

«A dispedida para a Côrte do Rio de Janeiro ou para onde melhor lhe convier, o padre Mororó beija a mão aos seus amigos aos quaes não poudo visitar no aperto de sahir dentro de tres dias no Brigue Inglês «Laxford». Roga-lhes muito não perdoe á suas faltas para se emendar de seus

porem, a coragem para encarar, resoluta, a morte, possuido da maior calma que imaginar se pode, negando-se—parece, esperançoso de salvação—á escapula offerecida por mão amiga, sem duvida para torrão estrangeiro—o commandante de um navio inglês—, em nada ficando aquem de procedimento identico que tivera, em Recife, perante seus carrascos o grande frei Joaquim do Amor Divino Caneca, executado no largo das Cinco Pontas pelas 18 horas da manhã de 13 de janeiro de 1825, podendo-se comparar ainda o seu não pequeno gesto ao dest'outro patriota Agostinho Bezerra resistindo a fuga, que lhe facilitava o commercio de Recife, por intermedio de dois mensageiros (10).

erros politicos tão somente; e espera do Publico imparcial verdade e Justiça».

«Attente-se bem na data desse attestado da fraqueza de animo de Mororó». («Dos Annaes da Imp. Cearense, do sr. Barão de Studart»). Mas, ajunta o sr. Barão de Studart, não é difficil comprehender os termos em que está feita essa despedida. São os de um vencido sem esperanças. Elle, como os companheiros da arriscada empreza a que haviam se abalanchado, tinha nitida a visão do que lhes reservava o futuro, preparado pelo odio de Costa Barros, pela duplicidade de character de José Felix e pela crueza de Conrado de Niemeyer, o outrora Carvalhista; absolvem, todavia, o secretario do Grande Conselho e redactor do *Diario* desse e quaesquer outros desanimos, que por acaso tenha tido, a fortaleza de alma e a serenidade heroica com que se houve nos seus ultimos dias e com que encarou os fusis da soldadesca.

(10)—O dr. Sebastião de Vasconcelles Galvão, em artigo publicado na «Rev. do Inst. do Ceará» (tomo 28º) sob a epigraphe—«Confederação do Equador»—narra o seguinte facto que «põe em relevo a heroicidade e abnegação inexcusaveis do major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, que tambem havia tomado parte na revolução republicana de 1817 e foi um dos que, em Recife, foram para a forca.

«Grato o commercio do Recife pelo beneficio, que lhes havia prestado o major Agostinho Bezerra, defendendo-o, com seu regimento de pretos, de um assalto e saque que em 22 de Junho de 1824 tentara contra o mesmo o major Emiliano Mandacarú, commandante dos batalhões dos pardos, representou á Commissão militar, allegando tão importantissimo serviço e pedindo, portanto, clemencia para elle. Não tendo sido

A vida tem dessas surpresas: algumas que rebaixam, aviltando o character do individuo; outras que ennobrecem, elevando-o á admiração da posteridade.

A de Mororó passou por ambas essas vicissitudes: si, sob pretextos futeis, nos quaes transparecia unicamente o temor de que se achava elle apoderado, chegando mais tarde a confessal-o em publico—desistindo do «perdão humano para ver se assim conseguia emendar-se de seus erros politicos» (sic), excusava-se a fazer parte de um governo que adoptava justamente as suas liberaes theorias, uma vez dentro delle, influindo directamente em suas relações administrativas, tornou-se um dos sustentáculos, quelle que importante papel desempenhou, pelo menos foi o inspirador dos manifestos republicanos, que a historia conhece.

Em face, pois, do que se tem escripto até hoje e dos documentos conhecidos na historia, não se pode affirmar fosse Mororó um dos precursores da «Confederação do Equador», porquanto sua collaboração foi coagida, se tornou obrigada.

Pensar ao contrario, acreditando-se ter Mororó demonstrado, no momento em que fôra chamado de Quixeramobim para a capital por Tristão, a mesma coragem que apresentava na propaganda, que fazia da causa republicana, é desvalorizar o documento, que parece mais se approximar da verdade, estas «Memorias» de Ximenes citadas por aquelles que se têm occupado da acção de

attendido, pensou o mesmo commercio dar-lhe fuga da prisão.

«E, de facto, com as cautellas que o caso exigia, conseguiu aquelle commercio, em a noite da guarda de certo official, que este lhes expozesse a causa.

«Dous mensageiros, pois, assim penetraram na prisão de Agostinho e communicaram-lhe a incumbencia que alli os conduzia, para sua fuga. Voltaram, entretanto, sem terem podido vencer a resistencia tenaz do character do extraordinario martyr, que, de modo decisivo e cheio de altiva dignidade, respondeu: «Fugir não! Um patriota não foge...» preferindo o sacrificio de sua vida á fuga».

Mororó na ephemera Republica de 1824, inclusive o seu maior biographo, até nossos dias, o respeitavel Coronel J. Brigido que, com minucias, estudou o seu typo.

Ximenes era parente proximo de Mororó. Embora muito joven, 16 annos, se tanto, naquelles tempos, como confessa possuia discernimento de sobra para comprehender as cousas e era capaz de guardar, vivos na imaginação, aquelles factos tão bem descriptos, annos após, em suas memorias, e que diziam respeito ás particularidades da vida de seu tio.

Não se pode, entretanto, escurecer o procedimento anterior de Mororó na propaganda feita em prol de seu idéal republicano. Proceder ao contrario será attentar contra os corollarios da historia, nes'a parte.

Não se contesta que, si outros fossem os seus meritos, mediocres mesmo, certo Tristão não o destacaria em meio ao turbilhão dos de seu tempo para leval-o ao posto a que o levou, fazendo-o collaborar em seu infeliz governo como um dos mais dedicados auxiliares.

Si elle, Mororó, no momento da apresentação ao bispo Azeredo Coutinho—ainda quando seminarista, annos, portanto, anteriores á revolução de 24, demorou-se com esse prelado «o tempo bastante para fazer-se conhecer até o fundo d'alma», ao ponto de dizer Azeredo que elle havia de perder-se na primeira revolução que houvesse no Brasil,—profecia que se realizou não na primeira (1817), mas na segunda (1824), ao chegar o momento opportuno sentiu-se fraco, incapaz de enfrentar o perigo, negando a sua coparticipação immediata no patriótico movimento.

Em todo caso muito dignifica o nome de Mororó a grande presença de espirito que teve ao avistar o patibulo, avisinhando-se de um seu companheiro de desdita (João de Andrade Pessoa Anta), e proferindo estas palavras:—*«Oh Andrade, que tens? Estás com medo? Anda, come e bebe; deixa-te de fraqueza. Não sabes que os homens de bem, os que plantarão a sublime arvore da liberdade não duvidão em defrontar os maiores tormentos, e arrastar horriveis cadeias: a medonha presença dum cadafalso*

não faz gelar o ardente sangue, que circula em suas veias! Sê, pois, constante, comamos e bebamos» (11).

Que contraste! Como se transforma um caracter!... De fraco, vacillante, que fôra, antevendo o perigo, valoroso, heróe se tornara ao enfrontal-o e quando nenhuma esperança havia de salvação! Mororó não quiz ficar aquem dos seus companheiros de infortunio, Caneca, Agostinho, Bezerra, Martins Pereira, em Recife, e Ractclif, no Rio, vultos que se impuzeram á historia por que, altivos, sobranceiros, encararam a desgraça sem o menor vislumbre de desfallecimento—gesto sufficiente para symbolizar a liberdade ardentemente ambicionada.

III

Do exposto podemos concluir: ser falha, cheia de senões a historia, emprestando ao padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó as qualidades de precursor do movimento republicano de 1824, no Ceará, quando a verdade é que, a sua acção, em face de documentos cuja procedencia está a salvo de qualquer suspeita, foi constrangida, forçado como foi a servir no governo re-

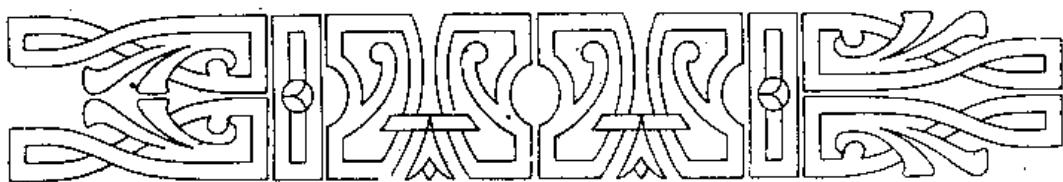
(11)—Este facto, narrado pelo sobrinho do padre Gonçalo Mororó (Ximenes) é contestado pelo sr. desembargador Paulino Nogueira, em seu importante trabalho «Execuções de Pena de Morte no Ceará», affirmando que «em primeiro logar Andrade nunca se acobardou ao ponto de precisar de taes animações; em segundo, comprehende-se bem que um sacerdote, em tão pungentes momentos, já «vis-a-vis» da eternidade não dirigiria a um companheiro de desgraça, que se concentrava—palavras só proprias de um pandego em uma pandega!»

Não nos admira o cavaco do illustrado desembargador, de saudosissima memoria. Quem, como nós, estuda a historia do Ceará reconhece a todo instante serem communs estas contestações entre aquelles que se teem occupado do desenvolvimento dessa mesma historia. Aliás o desembargador Paulino Nogueira, justifica sua observação com o testemunho ocular e auricular do padre Antonio de Castro e Silva, um dos confesores da agonia do padre Mororó.

publicano por suggestões do presidente e autor deste systema de governo—Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Que só depois de reiterados convites, feitos sob ameaças, é que se dispoz o padre Mororó a prestar o seu concurso ao «malvado movimento» como classificaram os de seu tempo, sendo, portanto derimida a sua culpa no desenvolvimento tomado pela malograda Republica, embora relevantes serviços prestasse elle nos seus poucos dias de duração, na qualidade de maior collaborador intellectual.

Quê, perdendo o padre Mororó as qualidades de precursor da «Confederação do Equador»; no Ceará, fez jus, entretanto, á admiração dos posteros por ter sabido elevar dignamente o nome cearense, supportando, com coragem e resignação não communs, os erros de seus julgadores contemporaneos, encarándo com firmeza o seu martirologio, e «sendo ainda um dos poucos que souberam, ao menos no caminho da morte, fazer honrar as opiniões proclamadas, resgatando com sua bravura as fraquezas do primeiro momento, e seguindo o exemplo nobre de Tristão, que se deixou matar mas não capitulou».



Capitulação do “Juiz”

29 de Novembro de 1824 -- Capitulação do Juiz. Felix Antonio, presidente da Parahyba, achando-se cercado, sem viveres, e desanimado pela dispersão do exercito de Filgueiras, rende-se ao major Bento José Lamenha Lins. Entregaram-se tambem na mesma occasião, alem de outros, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, secretario da expedição, o major Agostinho Bezerra Cavalcante, Lazaro de Souza Fonte».

(BARÃO DE STUDART, ops. cit.)



UM destes dias fui procurado por um meu jurisdicionado que me veio pedir lhe esclarecesse o espirito sobre um episodio da historia republicana de 1824, no Ceará. Este facto, notei, até hoje tem ficado no laconismo dos que se tem occupado de nossa historia regional. Está, portanto, reclamando as vistas de um chronista mais minucioso que o possa estudar nas suas verdadeiras côres.

O meu interlocutor alludia ao caso conhecido na historia cearense pelo nome de *Capitulação do Juiz* e de que

nos falam J. Brígido em suas «*Datas Historicas do Ceará*» («*Homens e Factos*») e Barão de Studart («*Datas e Factos para a Historia do Ceará*»), ambos, porém, rubricando-o com datas diferentes: o primeiro dando-o como acontecido no dia 20 de Novembro e o segundo a 29 do citado mez e anno de 1824. Esta questão de data não tem grande significação embora a razão esteja de lado do segundo dos escriptores citados.

Sem tardança procurei satisfazer a curiosidade do meu original perquiridor, desejoso de ouvir as peripecias dessa interessante e commovente pagina da historia cearense. Abri, ali mesmo, um livro qualquer, referente ao assumpto, de modo a coordenar os factos e que me podesse servir de guia na narrativa, que passaria a fazer.

Antes, porém, de qualquer dissertação attinente á materia, para melhor criterio elucidativo, comprehendí que seria conveniente volver o olhar aos primeiros dias do remoto povoado onde, a seu tempo, se encontrava localizado o ponto das investigações, que iria fazer. Transporte-me, pois, em pensamento, á Missão Velha. Veio-me então á imaginação a antiga aldeia de indios ali estabelecida, missionada por um frade catechista, que mais tarde foi forçada a mudar de pouso para *Missão Nova*, em virtude da rigorosa secça de 1725, que lhe fez faltar agua, e, posteriormente, povoada pelo seu fundador João Correia Arnaud, que veio estabelecer-se, em seus dominios, no anno de 1771. Hoje, villa de vastos recursos, Missão Velha tem para garantir o futuro o estar situada num dos grandes valles do Cariry. Mesmo assim ainda demonstra um «ar de ancianidade».

Era nessas paragens que em 1824 estava encravada a fazenda de gados «Juiz». Pertencia ella á Ordem Benedictina de Olinda.

Discreteei então:

.....
.....
O general Francisco de Lima e Silva, commandante em chefe das forças imperiaes, invadira as fronteiras do sul de Pernambuco.

A cidade do Recife, poucos dias depois, era de seu dominio. A resistencia opposta pelos revolucionarios fôra relativamente pequena para os seus combatentes.

Os seus habitantes atemorizados com o bombardeio, aliás insignificante, de uma escuna da esquadra bloqueadora, ao mando de Cochrane, haviam-n'a deixado quasi em abandono. Só os mais audazes haviam ficado.

O movimento rebelde fôra de todo debellado.

Não se via mais nas ruas de Recife aquelle impertinente ajuntamento de forças quando a refrega era mais acêsa. A soldadesca andava dispersa pela cidade e seus pitorescos arrabaldes, dando expansão ao contentamento, que lhe era natural pelo satisfactorio desfecho, que tivera a luta para as tropas leaes. O espectaculo era outro, senão apavorante pelo menos de causar profunda impressão. Viam-se nas ruas, beccôs e praças, homens de catadura feia, repugnantes, desfigurados, alguns de physionomias horrendas, seriamente abatidas. Eram os portuguezes, na sua mór parte da classe meã, alguns potentados até, que surgiam, ainda vacillantes e medrosos, dos esconderijos onde, com justa razão, acobardados durante dois mezes e mais, resguardavam o pello, receiosos da furia dos «Confederados».

Esse quadro não era outra cousa senão o epilogo da emocionante scena em voga naquelles tempos, ao começo da revolução, do «mata-mata marinheiro». Era commum o motejo dos pernambucanos «ao filho de outra banda», nesta ferina versalhada:

»Marinheiro pé de chumbo,
calcanhar de frigideira,
quem te deu a confiança
de casar com brasileira?...

Fóra, marotos, fóra,
Viagem podem seguir,

Brasileiros já não querem
Marotos mais no Brasil (*)

As tropas republicanas, para maior segurança, haviam recuado, dias antes, para Olinda. Ali, em conciliabulo, resolveram partir em demanda das provincias do norte. Pretendiam verificar se ainda era possivel conseguir-se alguns recursos em prol da desgraçada Confederação do Equador.

A saída de Olinda impunha-se ao primeiro momento. A moral da tropa abatera-se. Estava bem fresco no espirito dos revoltosos o fracasso havido com a resistencia opposta ás hostes de Lima e Silva, reforçadas com o adjutório, que lhe fizera o Morgado do Cabo.

O desastre do fogo de *Afogados* era um facto. Sua ponte fôra arrebatada pelos imperialistas á primeira investida e em poucas horas. A *Ilha de Marcos André*, mais tarde bairro de *Santo Antonio* e *Boa Vista*, valentemente defendida pelo destemido chefe republicano José de Barros, fôra tomada de um só golpe.

O batalhão de linha, de «gola e canhão azul», do commando do major Pitanga, que havia adherido aos revolucionarios, nada podera fazer de extraordinario. Até o «bairro peninsular» do *Recife*, que era tido como o unico baluarte dos dissidentes, sustentado, ao que se dizia, por Agostinho Bezerra e frei Caneca, não obstante a sua teimosia em não querer se render, caíra em poder dos imperialistas, e a 17 de Setembro de 1824 «não havia mais a quem combater»...

Aqui suspendi, por um instante, a p lestra. Servia-se u'a chicara de café.

Reparei, um tanto intrigado com o caso, que o meu

(*) Diz o Sr. Gustavo Barroso (*A Libertação do Maranhão*) que os quatro primeiros versos transcriptos tinham a seguinte variante no Maranhão:

"Marinheiro pé de chumbo
calcanhar de requeijão,
quem te deu a ousadia
de casar no Maranhão?

amigo, tão interessado em começo pela descripção do episodio, denotava já um certo enfado, o que denunciava, bocejando continuamente. Dera até ligeiros cochilos. Fiz que nada percebia. Reencetei o fio da narrativa.

* * *

Frei Caneca, sem duvida a cabeça pensante e de maior responsabilidade da Republica do Equador, tido pelos seus julgadores como «o maior ardoroso cabecilha da revolução», cheio ainda do seu costumeiro e fervoroso patriotismo, reconhecidamente cego, obcecado, manteve firmes as suas idéas.

Mão grado esse amor entranhado á causa da independencia da sua patria», e o zelo inexcedível que sempre demonstrou pelo triumpho e que, aliás, periclitava, naquelle momento, parece não ser bem comprehendido pelos seus correligionarios. E' collocado em plano assás inferior, e só mais tarde quando a contingencia da expedição força as culminancias de uma attitude decisiva, fraccionando aquella phalange de tres mil homens em uma divisão de quatro batalhões, organisando-se então o respectivo estado maior, é que se lembram de sua pessoa, com a nomeação de secretario do troço expedicionario.

Ninguém, entretanto, dever-se-ia julgar menospresado obedecendo ás ordens daquelle espirito tão forte, tão cheio de ardores patrioticos que até na adversidade, frente ao perigo, não recuava, pelo contrario, mais revivescia o seu ideal, o «seu sonho de patria livre e de liberdade verdadeira».

Disse alguém que «todo o povo que se subleva e se bate pela independencia e pela liberdade, tem em si, mais ou menos em evidencia, um pensador, um artista e um soldado. O patriotismo só é apenas uma disposição receptiva. E' forçoso que um agente intellectual influa nessa disposição para que ella se converta numa actividade». Se faltava a Caneca o heroismo indomavel, a destemidez, a astucia, a tactica de um experimentado cabo de guerra conhecedor dos meandros das batalhas, sobravam-lhe, entretanto, as con-

tinuas demonstrações do ardente patriotismo que lhe era innato e que vibravam ao primeiro gesto, ao primeiro chamado para a luta libertadora quando o ensejo se offerecia, sem nunca tergiversar, muito menos desentear do seu posto de honra e sacrificio. E sempre assim foi. E sempre isto comprovou.

* * *

O major Bento José Lamenha Lins, que da parte dos imperialistas fôra mandado de Recife atraz dos republicanos, até o seu final destino, vê coroado de bom exito o seu maximo esforço em bem servir a causa legal. Alcença os patriotas em territorio cearense.

Agostinho Bezerra, commandante do batalhão dos pretos, e o major Parahyba, do batalhão dos pardos, não obstante os sofrimentos e decepções sofridas, nessa viagem, mostram-se os mesmos homens valorosos e destemidos. Mantinham o mesmo ardor, o mesmo brio, que haviam mantido no começo da luta, em Recife. Igualmente isto succedia com os seus demais companheiros de jornada. Nenhuma resistencia, entretanto, offereceram os heroicos perseguidos, que tantas provas deram da bravura dos homens de Pernambuco e da Parahyba. E nem a menor tentativa, nesse sentido, poderiam levar a effeito, cercados como estavam por todôs os lados, sem recurso algum de ordem material, sem mantimentos, sendo isto accrescido com a narrativa do facto, ali ouvido e que para elles fôra terrivel decepção: a desmoralisação de parte do exercito de Filgueiras com quem contavam se reunir, conforme o convencionado no conciliabulo de Poço Comprido. Esta noticia feriu, de fundo, a alma dos patriotas, quando esperavam ao lado da cohorte do valente militar, que defendia a causa republicana cearense, reconquistar o terreno perdido, rehabilitando-se dos revezes até então soffridos.

Surgem as propostas de rendição. Vacilla-se ás primeiras negociações.

A angustia da occasião, porém, não dá treguas, não admite reflexões.

Uma voz se insurge ainda, protesta contra qualquer solução menos airoza para os seus brios de patriota. E' um louco quem fala, um republicano que não sabe o que é ter medo, tanto assim que não se arreceia, e, ali mesmo, sob sua responsabilidade, faz disparar contra as tropas imperiaes tres tiros de um canhão depois de estender em linha de combate as forças de seu commando promptas ao primeiro grito de fogo. Quem tem esses arroubos de coragem, quem assim escarnece da vida, não querendo absolutamente contemporisar entrando em accôrdo com os seus rancorosos inimigos, zombando, deste modo, de sua sorte e da dos seus companheiros de infortunio, é o major José Maria Ildefonso, que se mostra cheio da mesma heroicidade demonstrada em outras batalhas.

—Não vejo razão para se desistir da luta da qual até agora somente temos levado vantagens para o nosso partido, proclama elle arrogantemente.

Essas palavras passam, entretanto, despercebidas.

Chega o momento decisivo. Aggrava-se a situação.

As deserções já se fazem sentir nas fileiras dos patriotas. Dois cabos de guerra, dos mais temerosos—os capitães João de Deus e Antonio Affonso, passam-se para o lado de Lamenha. E' a prova flagrante, evidente, da fraqueza dos assediados.

Discute-se, com vehemencia, a proposta de Lamenha levada ao acampamento dos revolucionarios por um parlamentar, desfraldando «uma bandeira branca», como symbolo da paz offerecida». A intelligencia de Caneca, já varias vezes posta em prova, é desta vez ainda reclamada. Reconhecem nos extertores do momento o seu maximo valor, a sua pujante cerebração. Confiam-lhe o veredicto supremo, ultimo, derradeiro.

Caneca faz modificações, que julga favoraveis aos de seu credo politico. O emissario dos imperialistas acceita-as

incondicionalmente. E, ali mesmo, no pateo da fazenda— «Juiz», Lamenha sella o compromisso, empenha sua palavra de honra, de respeitar a vida dos capitulados. Ainda procurando demonstrar sinceridade em suas palavras, o comandante das forças legaes affirma:

—Aqui não ha vencidos nem vencedores. Somos irmãos e amigos e amigos e irmãos devemos voltar ao seio de nossas familias. De certo, na pessoa do Imperador encontrareis um pae, que vos receberá com clemencia.

E falava Lamenha com tamanha firmeza de palavras ante aquelle punhado de bravos que não se podia duvidar de suas boas intenções.

D. Pedro I, porém, que se tornara em demasia impiedoso, fazendo punir com excessiva crueldade os que desempenharam papel saliente na revolução pernambucana fraccassada em 24, não approvou o cavalheiresco gesto que tivera aquelle militar para com os vencidos, e, cruelmente, inexoravelmente, fez pagar com a morte os que tiveram a veleidade de querer implantar no Brasil um governo republicano...

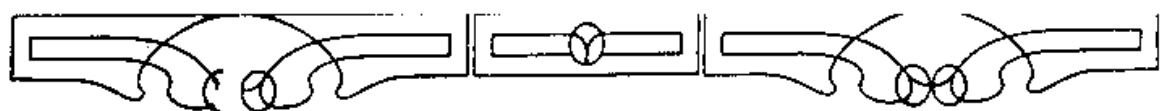
Eis ahi, meu amigo, em suas linhas geraes, como se desenrolou o edificante episodio que se inscreveu nos fastos da historia cearense com o nome de *Capitulação de «Juiz»*, e, com o qual, na opinião de alguém, «exhalou o ultimo suspiro a malfadada Republica do Equador».

* * *

Fechei o livro, que me dava esta lição de historia.

Reparei então que o meu interlocutor, que em começo se mostrava tão interessado pela narrativa, braços derriados sobre o espaldar de u'a cadeira de vime, de meu gabinete, dormia a somno solto.

E tinha elle, não ha duvida, razão para tanto... A estopada não fôra pequena.



O HUMORISMO DE CONRADO

O tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer por Carta Imperial de 16 de dezembro de 1824 foi nomeado Commandante das Armas e Presidente da Commissão Militar do Ceará, com poderes para nomear cinco vogaes que a compuzessem».

(*Paulino Nogueira*—«Execuções de Pena de Morte no Ceará»).



ONRADO Jacob de Niemeyer, o apaixonado mentor da justiça militar, que em 1825 mandou fusilar patriotas da fibra de Mororó, Pessoa Anta, Ibiapina, Bolão e Carapinima, no decurso de seu atabaliario dominio nos acontecimentos politicos do Ceará, phrase angustiosa que epiloga a malsinada Confederação do Equador, demonstrou sempre, na mór parte dos seus actos, possuir u'a alma odienta, rançorosa, despida dos mais pequeninos sentimentos de piedade christã. Isto, aliás, foi uma cousa que elle nunca pode esconder, denunciando-a toda vez que a occasião o obrigava a se pronunciar nas varias decisões, algumas dellas a pena ultima, em que sua figura principal se houve de manifestar.

Conrado teve o desplante de declarar em publico documento, que a historia conserva—*apreciar com prazer o delicioso momento* do arcabuzamento de duas das principaes victimas da rebellião—o padre Mororó e o coronel Pessoa Anta!

Mau grado tão expressiva demonstração de um character impiedoso, mesmo autoritario e malfasejo, comtudo Conrado de Niemeyer sabia aproveitar-se das occasiões e dellas tirar partido, tornando-se ás vezes um typo bonachão, alegre, expansivo e até brincalhão. Ha mesmo uma facêta de seu temperamento em que se denuncia como sendo possuidor de não pequena dose de fino humor. Onde se accentúa tão positiva manifestação de sua intelligencia é numa serie de despachos por elle proferidos na qualidade de commandante das armas do Ceará e concomitantemente desempenhando as funcções de presidente da *Commissão Militar* de 1825.

A chronologia dos factos registra esses despachos «por interessantes, pilhericos e muitas vezes famosos», os quaes não desapareceram com a voragem dos tempos e avaramente são conservados numa publicação, é verdade de poucos conhecida, mas que, com justiça, se pode affirmar como sendo o repositório completo da historia regional de uma das unidades da Federação. Alludimos á *Revista do Instituto do Ceará*.

Vejamol-os:

De uma feita o cidadão Antonio Bezerra de Souza Menezes, pediu allivio da prisão em que estava e recebeu, em sua petição. este laconico despacho datado de 28 de junho de 1825:—«Deixe-se de asneiras».

—Antonio Joaquim de Jesus, preso com destino á corte, pedindo soltura, em 7 de outubro teve este despacho:—«Vae ser muito estimado na presença de S. M. I. se fizer por onde».

—Anna Francisca Pinto, pedindo a soltura do filho, preso para recruta, foi assim despachado o seu requerimento, com data de 22 do mesmo mês:—«Já lá vae pela barra fóra».

—Anna Francisca de Oliveira, pedindo a soltura do marido recebeu o seguinte indeferimento em data de 5 de novembro;—«Não seja impertinente, não temos historia».

Mais feliz, porem, foi Antonio Carneiro de Oliveira que, com identico desejo de ser posto em liberdade, obteve este deferimento datado de 21 do mesmo mês:—«Fique solto e recolha-se em paz a tratar de sua vida».

—Antonia Maria de Jesus pedindo a soltura do marido—Despacho de 2 de dezembro:—«Veremos».

Um pobre frade—Frei Alexandre da Purificação, que foi participe na rebelião de 24, mas cuja acção não foi tão decisiva, tanto assim que não teve a pena capital, queixando-se da falta de recursos alimenticios, obteve em data de 31 de janeiro de 1826 este engraçado despacho:—«Em terra de pouco pão todos ralham e ninguém tem razão, com tudo dirija-se de novamente ao almocharife com o despacho do Exmo. Presidente e com este meu que naturalmente será attendido, pois que as suas circumstancias o devem fazer preferir a todo outro e qualquer individuo».

Ainda mais interessante é o despacho que obteve, em data de 14 de fevereiro, Albano José Ribeiro, preso, denunciando dos compromettidos na revolução:—«Como sendo o supplicante algum tanto surdo ouvio as cantigas revolucionarios e mais ninguém ouvio? Como tendo-se feito exactas averiguações sobre o caso por pessoas de todo conceito e mais interessadas em descobrir a verdade, não appareceu o menor indicio de tal denuncia? E', portanto, o supplicante um falso bem inimigo da tranquillidade publica, vá aprendendo com os trabalhos á sua custa, sendo mui proveitoso que se sujeite á rigorosa disciplina militar, seguindo para a Corte no numero dos recrutas».

—Angelo Rodrigues Samico, pedindo 3 meses de licença, em 10 de novembro teve este despacho: «Com effeito é muito pedir para quem tem tão pouco serviço, portanto contente-se por esta vez com 15 dias de licença e não vá para tão longe que não possa reclamar em tempo».

—Caetano José Dutra, pedindo a nota da culpa, porque estava preso.—Despacho de 1 de novembro de 1825:—«Como quer saber a culpa que não ignora, saiba que por ser falto de subordinação para com o seu comandante está preso e continuará a sel-o, e bico calado».

—Domingos Julio, pedindo certas isenções—Despacho de 14 de Dezembro:—Quando se fardar e tiver outro negocio que não seja o seu officio de carpinteiro, requiera e será deferido».

—Francisco Rodrigues Frazão, pedindo soltura por doente.—Despacho de 16 de março:—«Indeferido e prohibido de fazer mais requerimento por este motivo».

—Francisco Manoel Galvão, pedindo para assentar praça.—Despacho de 20 de dezembro:—«Com todo gosto».

—Francisco Pereira, pedindo soltura—Despacho de 30 de dezembro:—«Porem como alem de tudo quanto requer, se diz que tambem é ladrão de gado, siga o seu destino».

—Francisco Pereira do Nascimento pedindo soltura.—despacho de 12 de Janeiro de 1826:—«Como o supplicante foi preso por furto de farinha, é evidente não ser verdade o que allega».

—Francisco de Barros Maciel, por alcunha «Rei da Feira», pedindo soltura.—Despacho de 27 do mesmo mês:—«Como é o Rei da Feira vá recrutado para a Corte».

—Francisco Alves Rodrigues, por alcunha «Chico Ligeiro», pedindo soltura.—Despacho de 3 de fevereiro:—«Chico Ligeiro, deixe-se de asneiras».

—Francisco Manoel de Jesus, pedindo recusa do serviço.—Despacho de 3 de julho:—«Não seja malandrino».

—Francisco José Pereira, offerecendo seus serviços apesar de empregado publico.—Despacho de 12 de novembro:—«Pela parte que me toca agradeço summamente o seu obsequio, porém, como o supplicante se acha dispenso do serviço da 2a. linha em attenção ao cargo, que occupa, não pode presentemente ter um deferimento mais favoravel».

—José Ribeiro de Mattos, allegando não poder ser recruta por não ter jurado a constituição do imperio.—Despacho de 8 de Junho de 1825:—«Digo como o supplicante declarou que era estrangeiro portuguez e que não tinha jurado a independencia e constituição do imperio, é portanto inimigo declarado do Brasil, pelo que se conservará em prisão até que ache embarcação para sahir do imperio e então receberá o seu passaporte».

—José Ferreira de Azevedo e Sá, pedindo reparação para a injusta prisão, que soffreu.—Despacho de 13 de outubro:—«Contente-se com a sua sorte e levante as mãos para os céos».

—José Joaquim Telles, requerendo soltura pela 3a. vez.—Despacho de 11 de novembro:—«Não me persiga».

—Joaquim Rodrigues Barreira, queixando-se da injustiça da sua prisão.—Despacho de 16 do mesmo mês:—«Soffra com paciencia que não soffre innocente».

—José Manoel Feio, pedindo escusa, allegando serviço.—Despacho de 19 de fevereiro de 1827:—«Escusado, e quem não conhecer que o compre, que a mim não engana mais».

—Manoel Francisco Coelho, pedindo para ser submettido a conselho de guerra.—Despacho de 27 de abril de 1826:—«Eu mando proceder immediatamente ao conselho de guerra, porem, o supplicante abstenha-se em procurar rabulas que lhe façam requerimentos insultantes contra as autoridades para não soffrer encommodos que aggravam mais a sua culpa».

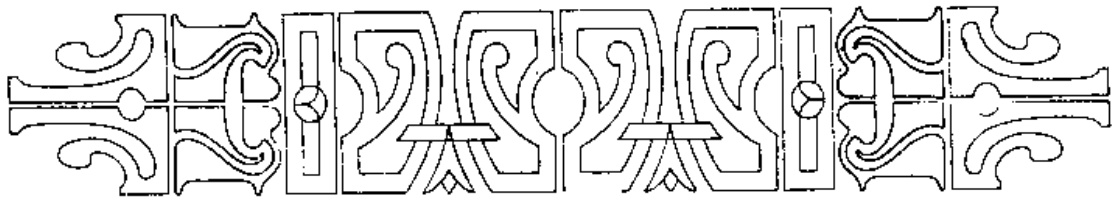
Aqui fica a documentação clara, positiva e insophismavel do character de um homem publico, cheio de responsabilidades, e que muito influiu nos destinos do Ceará em memoravel quariel de sua vida politica.

A maneira chistosa, trocista, ás vezes mordaz, dos despachos de Conrado de Niemeyer não está absolutamente relativa com a seriedade dos assumptos, que chegavam ao conhecimento de sua suprema autoridade, que os devia resolver de accordo com a maior ou menor gravidade dos

acontecimentos então desenrolados sem, entretanto, se afastar das normas legais.

Conrado podia ter poderosos motivos que o levassem a dar expansão á sua «ambição bajuladora», de modo a se rehabilitar perante o Imperador, em cujo desagrado caíra anteriormente, nunca, porém, deveria ridicularizar aos que imploravam a sua justiça como o fez nos seus celebrados e pilhericos despachos.





U'A CASA HISTORICA

«Em caminho passamos pela Acauãa, onde morão o padre Luiz José e seu filho, que nos hospedaram o melhor possível. Aqui almoçamos. A casa da Acauãa é a propriedade melhor das do sertão; tem uma capella pequena e nova, ficando-lhe muito pelo lado esquerdo um bom sobrado, e pelo direito uma grande casa terrea elegante, o que tudo faz um prospecto lindo aos olhos do passageiro».

(Do Itinerário que fez Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, sahindo de Pernambuco a 16 de setembro de 1824, para a Provincia do Ceará Grande).



HA de certo um deus para os bibliomanos. Nem vejo por que deixaria de existir, havendo-o para os borrachos, que são personagens mais ruidosos mas menos interessantes.

Taes considerações, suggeriu-as Oliveira Lima, «sem risco de contradicta, um dos expoentes maximos da civilização e cultura patrias», ao adquirir em uma livraria de Londres, attribuindo, sem duvida, o condão a esse supposto deus, valioso documento, unico no genero, e naturalmente assás cubiçado: o original de um livro, que pertenceu á

própria autora—«Viagem ao Brasil», de Mrs. Graham (1).

Só os que possuem o amor do livro e o carinho pelas cousas do passado, accrescenta o douto escriptor, podem bem imaginar o jubilo, que um tal achado lhe proporcionou.

O mesmo posso eu agora dizer da alegria, que experimentei ao receber o exemplar photographico de uma preciosidade de que a gentileza de um amigo (2) me fez possuidor: a estampa da casa onde, ha um seculo, em sua desdita, esteve preso o grande patriota da revolução de 1824, que passou para a historia com o nome de Confederação do Equador, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, «o ardoroso sacerdote catholico, para quem bem valiam o preço do martyrio a liberdade, egualdade e fraternidade do lemma christão, pelo qual morreu o Salvador na Cruz».

Muito a proposito apparece essa documentação photographica, no momento em que se procura reunir o material por ventura fragmentado da historia dessa revolução, cujo primeiro centenario auspicioso ora se preparam para solemnizar, em julho e agosto proximos, os Estados de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará, provincias de então «irmanadas pelos mesmos interesses da liberdade e de engrandecimento».

Caneca—o religioso carmelita, é sabido, encarnando todo o martyrologio, foi a alma dessa revolução em Pernambuco. Debellido o movimento, invadidas as fronteiras do sul de Pernambuco pelo exercito imperial, sob o comman-

(1)—ALFREDO DE CARVALHO—«Mrs. Graham e a Confederação do Equador, in «Rev. do Inst. Arch. Pernambucano», vol XII».

(2)—Devo-a ao espirito emprehendedor e patriotico de meu distincto amigo Pedro Mello, que na I. F. O. C. S. desempenha alta funcção na secção da pagadoria.

Esse cavalheiro, em uma das suas costumeiras viagens pelo nordeste, no desempenho de sua commissão, descobriu o paradeiro dessa casa, fazendo-a photographar para sua maior divulgação e documentação historica.

do em chefe do general Francisco de Lima e Silva que, em sua marcha victoriosa, transpoz as raias da cidade (Recife), occupando-a depois sem séria resistencia, e encontrando-a em quasi abandono dos seus proprios habitantes pelo bombardeio de uma escuna da esquadra de bloqueio do porto, partiram, então, de Olinda as tropas republicanas em demanda das provincias do Norte, com o intuito de ver se ainda seria possivel tentar alguns recursos em prol da proclamada Confederação do Equador». (3)

Caneca, «intelligencia polymorpha», cabeça pensante e de maior responsabilidade nessa retiarda, por que doutro modo não se pode classificar a retirada das tropas revolucionarias para o interior da provincia, marchava á frente de seus companheiros de luta, cheio, porém, de extraordinarios ardores patrioticos, esperançoso de melhores dias, confiado, talvez, que o acaso lhe favorecesse o meio de salvar o maximo ideal libertador, que desastradamente via ruir por terra.

A historia nos dá noticia da reunião a que não teria sido extranha a sua pessoa, levada a effeito pelos revolucionarios no engenho *Poço Comprido* e na qual assentaram elles não acceitar proposta alguma de paz com o general Lima e Silva, promover a reunião da assembléa constituinte do Brasil em um ponto central em que se podessem discutir e decretar, na mais plena liberdade, a constituição e leis fundamentaes, levantar o acampamento para povoação mais vantajosa da qual podessem ter communicação com os liberaes do Ceará, Rio Grande do Norte, interior da Parahyba, com a divisão liberal de Garanhuns, da qual era um dos chefes o capitão-mór Luiz Tenorio de Albuquerque, e especialmente com o general Filgueiras, finalmente, organizar uma divisão composta de todos os homens

(3)—F. A. PEREIRA DA COSTA—Discurso pronunciado no largo das Cinco Pontas no Recife, como orador do «Inst. Archeologico» no acto inaugural da lapide commemorativa do espingardeamento de Frei Caneca, in «Revista Americana» n. 8.

d'armas, denominada:—«divisão constitucional da Confederação do Equador» (4).

Os fados, porem, lhes foram adversos, não tardando o dia da malfadada capitulação, já os patriotas em território cearense.

Nessa retirada, «via dolorosa percorrida pelos republicanos, seguindo elles por ásperos caminhos do sertão adusto, sem conforto, obrigados continuamente a sustentar guerrilhas, perseguidos pelos realistas, praticando sempre os mais assombrosos rasgos de abnegação e patriotismo», foram ter á fazenda "Juiz", que demorava em territorio cearense e pertencente então aos beneditinos de Olinda, e onde, após dois dias apenas da esfalfante travessia, foram presos e em seguida recambiados para o Recife, epilogando-se então o drama sangrento com a sentença de morte lavrada pela *Commissão Militar* levando dias em pós Caneca e varios de seus desventurados companheiros ao cadafalso, "coroa de martyrio, momento de immortalidade que só a tyrannia sabe levantar em honra de suas victimas". Predeu-os o major Bento Lamenha Lins, que fora destacado para perseguir o troço dos republicanos em sua retirada, o mesmo que encarnava em pessoa o heroe maximo dos campos de Pirajá, se batera antes contra os inimigos da independencia da patria e, annos posteriores, se tornaria um nome glorioso na memoravel batalha de Ituaingó.

E foi nessa retirada de amargur's, nessa torturante caminhada de tantas e tantas leguas por terrenos escarpados, talvez nunca dantes trafegados, "uma das passagens de nossa historia que se não pode recordar sem grande ternura e admiração", que Caneca, já desilludido de seus "sonhos de patria livre e liberdade verdadeira", pernoitou na fazenda Acauãa, de propriedade do padre Luiz José

(4)—A. A. de Luna Freire—«Revolução de 1824 (not. 20) in «Rev. do Inst. Arch. Pernambucano», n. 47.

Correia de Sá (5). Para elle essa noite foi, talvez, a mais acalentadora do ultimo quartel de sua accidentada vida, dissipando por alguns instantes as desventuras, que vinha soffrendo no transe angustioso por que passava, no desfructo de poucas horas que não lhe pareceram sem duvida demasiado longas, tendo ao lado num rapido porem terno e carinhoso convivio um velho camarada de idéas libertadoras, conhecedor como elle das agruras dos carcereiros da Bahia, participes como foram ambos do movimento revolucionario de 1817.

E dahi nasceu a minha satisfação em possuir o exemplar photographico dessa casa historica, ainda hoje existente no municipio de Souza, no Estado da Parahyba, e que pode ser encarada sob dois patrioticos aspectos: um por ter sido de propriedade e residencia e talvez nascimento de um vulto—o Padre Luiz José Correia de Sá, que papel saliente teve na revolta de 1817—"a unica revolução brasileira digna deste nome e credora de entusiasmo pela feição idealista, que a distinguiu e lhe dá fóros de ensinamento civico, e pela realização pratica que por

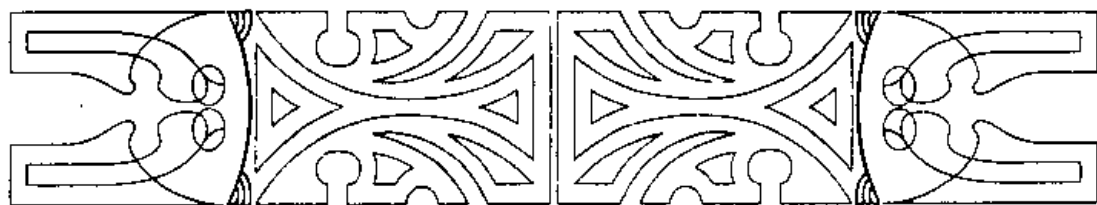
(5)—Para CELSO MARIZ («Apanhados da Historia da Parahiba») o padre Luiz José Correia de Sá, opulento senhor da Acauã, dominava o povo com um prestigio sem rivalidade. Fazendeiro rico, de casa e maneiras afidalgadas, isto e as suas viagens do Piahy ao Rio de Janeiro davam-lhe relações, fama e espirito para manter aquelle dominio e popularidade.

«O padre Luiz José, como era conhecido, quando fracassou o movimento republicano de 1817, com a restauração do poder monarchico, foi, conjunctamente com os seus companheiros de revolução de Souza, preso pelas tropas cearenses, e, conduzido para a Bahia, na devassa, a que se procedeu, foi pronunciado, esteve recolhido nos carcereiros da cidade do Salvador donde sahiu solto por motivo de indulto conforme o aviso de 1 de julho de 1819».

Sobre esse padre ha noticias importantes no precioso archivo do sr. Barão de Studart.

alguns, embora pouco tempo, lhe coube" (6); o outro, por ter abrigado em uma de suas dependencias, no caracter de preso rebellado contra os hostes imperialistas de 1824, o grande frei Joaquim do Amor Divino Caneca, ao seu tempo. «victima de seu patriotismo e acendrado amor á liberdade».

(6)—OLIVEIRA LIMA—Proemio á «Historia da Revolução de Pernambuco de 1817».



TRIBUTO DE SANGUE

«...mas no Ceará suas labaredas brilham com fulgor,
acompanhando a direcção vinda de Pernambuco».

(CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA PIN-
TO — "A Confederação do Equador", *apud* Cruz
Filho, «Almanach do Ceará» para 1924).

*
* *

*«Filgueiras e Tristão,
Mororó e Ibiapina,
Andrade e Carapinima
Todos na gloria já estão.
Para exemplo sirva então
O que Deus nos tem mostrado,
De tel-os em seu estado,
No paraizo sem fim
Só elles gosam assim.
Todo concunda é malvado.*

(De u'a poesia do tempo)



O concêrto das provincias do norte do Brasil que, "irmanadas e ligadas pelo mesmo ideal ao sentimento republicano", acompanharam a Pernambuco na chamada Confederação do Equador, proclamada em Recife a 2 de julho de 1824, o Ceará occupa, incontestavelmente, posição de relevo pelo maximo esforço

empregado em prol da ambicionada forma de governo, que tão poucos dias teve de duração. D'ahi dizer-se, com justa razão, que "suas labaredas brilharam com fulgor", por isto mesmo contribuindo com o maior contingente de infortunio para o martyrologio dos heróes, que por ella se sacrificaram, com aquella extraordinaria fortaleza de animo que foi o assombro dos seus algozes e é orgulho da posteridade republicana, que hoje os cultiva e bemdiz".

Sopeada a revolução com o desbarato completo dos revolucionarios, houve necessidade da organização de um tribunal que podesse julgar mais *breve* e mais *summariamente* os seus «chefes e cabeças». Para esse fim foram postos á margem os tribunaes ordinarios cujas formalidades aliás, pela sua morosidade, «não correspondiam á urgente medida de castigar os revoltosos». Foram então constituídas as celebradas *commissões militares* com poderes discricionarios taes que bem attestavam «a alma tigrina de Pedro I».

Pernambuco teve a sua commissão julgadora entregue á presidencia de Lima e Silva, que, talvez, lhe coubesse por direito de conquista. O general muito havia feito em prol da causa imperialista. Conseguira abafar, não sem pequeno sacrificio de parte do exercito de seu commando, a impetuosidade da revolta. Fôra elle quem, accendendo o facho da contra-revolução, em junção com as forças do Morgado do Cabo, em Alagoas, poudo, mēses após, por intermedio de um dos seus destemidos commandados, apagar o morrão, já os revoltosos em territorio cearense, com a memorada *Capitulação do Juiz*, ultimo echo da malograda Republica do Equador.

Para o Ceará foi constituído um tribunal originalissimo, unico, talvez, no genero, vindo á sua frente o tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, «português, que em Pernambuco tinha desertado de Luiz do Rego para os patriotas de Goyanna e da Republica de Manoel de Carvalho para o imperialismo», extremado partidario que não podia esconder o seu rancor pela causa adversa. Elle trazia indelevel á memoria o mal que lhe ha-

viam occasionado, mêses antes, deixando-o gravemente ferido em cruento combate no qual tomara parte, em terras de Alagoas. A ferida sangrava ainda. O odio era latente.

Conrado não demorou na execução da funesta incumbencia, que lhe havia commettido o governo imperial. Fêl-a, porem, com tamanha soffreguidão, precipitadamente, que installando os trabalhos da *Commissão Militar* em 22 de abril de 1825, três dias após (25) condemnava á morte dois dos vultos principaes da rebelião, seguindo-se a estes três outras victimas, que tiveram sorte identica a dos primeiros, isto é, foram processadas e executadas *breve, verbal e summariamente*.

E, aliás, outra cousa não se podia esperar de uma commissão «composta de officiaes na maioria portugêses, alguns dos quaes, inclusive o presidente Conrado, tinham sido infieis ao Imperador, e precisavam de justificar-se deramando o sangue em que mais tarde elle devia escorregar os pés».

* * *

O padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó foi a primeira victima daquelle sanguinario tribunal.

Accusavam-n'o de haver proclamado a Republica em Quixeramobim (9 de janeiro de 1824) e de haver servido de secretario do Presidente da Republica, no Ceará. O seu libello-accusatorio articulava ainda o facto de haver sido, elle, «o autor das famosas folhas do Ceará», isto é, o redactor principal do *Diario do Governo do Ceará*, o primeiro jornal que teve a provincia e que se rotulava de organ dos republicanos.

Mororó teve, porem, a previsão das desastrosas consequencias, que poderiam advir de sua immediata co-participação no governo republicano implantado no Ceará, tanto assim que seu culto espirito vacillou nos primeiros momentos de propaganda. Recuou ao primeiro chamado de Tristão, «a alma afoita» da revolta. Só por força de injunc-

ções poderosíssimas foi que elle annuiu em prestar o auxilio exigido, collaborando, directamente, na ephemera duração da Republica tanto quanto permittia a sua pujante cerebração, senhor, como era, de uma illustração pouco vulgar naquelles tempos.

Destemerosamente encarou os seus algozes. Teve ainda a coragem precisa para enfrentar a morte «com desassombro christão», occupando-se de minudencias taes nos preparativos de seus ultimos instantes de vida que a muitos pareceu querer levar ao ridiculo os seus desalmados executores.

Paradoxalmente, Mororó sempre foi mais feliz na desgraça do que seu irmão em idéas Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Pelo menos encontrou juizes mais benevolentes que evitaram a «cerimonia tremenda» da degradação de seu character sacerdotal limitando-se apenas a fazerem-n'o trocar a batina pela alva dos condemnados, isto mesmo reservadamente, longe das vistas do publico. E' que naturalmente Conrado de Niemeyer, o presidente da prefalada *Commissão Militar*, destacado para o Ceará, ao desembarcar em Fortaleza trazia «bem fresca na memoria a scena da manhã de 13 de janeiro nas Cinco Pontas, em Recife», em que, illegalmente degradado das ordens sacras, caíra, varado por balas, na falta de um carasco que se prestasse ao garroteamento o patriota Frei Caneca. Conrado não ignorava, de certo, que «a degradação é uma pena gravissima para o sacerdote, muito mais infamante que a pena capital; e a Igreja não lha impõe sem que tenha exgottado todos os recursos a clemencia da autoridade civil. E' precedida de um processo canonico regular, custoso, difficil, ponderado, não entrando em causa a vida do paciente».

Mororó foi fusilado na manhã de 30 de abril de 1825.

A maneira arrojada por que se portou elle para com a escolta incumbida desse violento acto «pedindo que não lhe vendassem os olhos, nem lhe pregassem ao peito o alvo de papel e dizendo—pondo a mão direita sobre o cora-

ção—*Camaradas, o alvo é este; tiro certo que não me deixe soffrer muito*», passou para a historia como um documento vivo do muito heroismo cearense nas porfiadas lutas da liberdade.

* * *

A segunda victima da *Commissão Militar* foi o coronel João de Andrade Pessoa Anta.

Um só crime imputavam-lhe os rancorosos imperia-
listas: o de ter sido *Commandante Geral das Forças Re-
volucionarias* na cidade de Granja, seu berço natal, e sob
o governo de Tristão Gonçalves.

Pessoa Anta, não quiz, entretanto, honrar a causa a
que em começo prestou franco e decidido apoio. A sua
condenação á pena ultima foi mais a consequencia de te-
naz perseguição de fogaes inimigos que muito influiram
no animo de seus julgadores, do que mesmo resultante do
crime de *lesa-majestade*—de haver, por ventura, fortaleci-
do as hostes republicanas com o grosso das tropas de seu
commando. Não teve elle a calma necessaria, a sereni-
dade de espirito que demonstraram ter os seus demais
companheiros de pátibulo. Acobardado, penitenciando-se
de seus erros, humilhado, vagando de esconderijo em es-
conderijo, implorou de seus inimigos o perdão imperial por
varias vezes.

A' supplicada clemencia de seus julgadores antepu-
nha-se, porem, o odio ferrenho de intransigentes adversa-
rios que não lhe perdoavam, absolutamente, a affronta que
suppunha um delles—Marcos Antonio Bricio—haver rece-
bido, certa vez, em Granja, quando a verdade é que a
essa injuria fôra extranho o mesmo Pessoa Anta.

De nada lhe valeu o seu arrependimento. Teve des-
dita igual á de seu companheiro de martyrio Padre Mo-
roró, e, no mesmo dia, hora e logar, questão de minutos
apenas, antes degradado, publicamente, de suas honras mi-
litares, como coronel de milicias que era, foi impiedosa-
mente arcabuzado.

* * *

O tenente-coronel Francisco Miguel Pereira Ibiapina foi o terceiro a ser executado no *Campo da Polvora*, hoje angulo norte do *Passeio Publico*, em Fortaleza.

A sentença de morte que lhe foi imposta concluia pela sua responsabilidade por haver exercido «na Republica o cargo de escrivão-deputado da Junta de Fazenda e sido um dos oito deputados eleitos pelo Ceará ao Congresso da Republica do Equador, em Recife».

Ibiapina, ao contrario de Pessoa Anta, encarou corajosamente a sua desgraça. Não esmoreceu. Tinha, aliás, razão de sobra para tanto, atacado, como se achava no momento em que foi intimado de sua condenação, de fortes variolas que o traziam preso ao leito.

E' da sua autoria a quadra a seguir, escripta por elle na parede do cubiculo de sua prisão. A tradição conservou-a «como que para attestar seu animo viril e sangue frio».

«Nesta prisão estreita
Vê-se o pobre Ibiapina,
Desprezado dos amigos,
Comtudo não desanima».

Foi executado no dia 7 de maio de 1825.

* * *

Seguiu-se-lhe Luiz Ignacio de Azevedo, conhecido por *Bolão*, alcunha que lhe veio «de ser baixo», grosso e de fôrmas arredondadas.

Fizera parte do exercito de Tristão, e ao lado deste, batera-se com as forças imperiaes no Aracaty e no combate final de Santa-Rosa, onde foi preso.

A execução capital de *Bolão* foi aggravada por um acto de maxima deshumanidade. Teve desfecho igual ao

de outros tantos heróes, que se sacrificaram por amor á liberdade e independencia da Patria e cujos nomes a galleria historica regista reverentemente.

O *tiro de honra*, dado nos condemnados que não morriam incontinentemente á descarga fatal, fez-lhe saltar os miólos e um tenente da escolta, que executava o fuzilamento, sem piedade christã e no mais revoltante cynismo, chamou o seu cão, que os devorou á vista dos circumstantes da tristonha tragedia, ao lado do corpo «ainda quente da victima».

Diz um seu biographo que *Botão* era homem de côr, carpina, natural na Bahia, sem parentes nem amigos que assistissem as suas desventuras, razão por que se explica «tão selvagem e excepcional tratamento para com os seus restos mortaes».

* * *

O tenentê-coronel Feliciano José da Silva Carapinima foi a ultima victima da *Commissão Militar* presidida por Niemeyer.

Fôra o secretario do commandante das armas Filgueyras e nos ultimos dias da Republica tinha organizado um corpo de cavallaria de segunda linha, na Fortaleza.

Carapinima procurou acobertar-se sob o manto da geral annistia que o almirante Cochrane havia garantido aos revoltosos, em nome do Imperador.

O presidente José Felix, que trahira a causa da Republica, tudo emprehendeu para salvar Carapinima, de quem era dedicado amigo, affirmando até, em documento publico, «que o ex-secretario de Filgueyras jamais se tinha desligado do mais correcto monarchismo». Tal evasiva, porém, não produziu o effeito desejado. No dia 28 de Maio foi elle fuzilado «mediante o processo e cerimonia já conhecidos, mas com soffrimentos desconhecidos».

Refere uma testemunha de vista dessa impressionante carnificina que o «infeliz patriota, recebendo a primeira descarga não morreu logo, caindo da cadeira a dar saltos des-

concertados, como em estado de desarranjo mental. Mandaram ao quartel buscar novas munições e a tiros lhe esmigalharam a cabeça. Causou horror e compaixão geral esse doloroso acabamento do supliciado».

* * *

Não parou ahí o tributo de sangue, que coube ao Ceará na sua tão temeraria quão afoita adesão á Confederação do Equador,

O morticínio enumerado, verdadeiros *assassinios juridicos* pela presteza e preterição de solennidades por que fôram preparados e executados os respectivos processos, passou para a historia por conta de uma apaixonada e partidaria *comissão militar*, legalmente constituída, e que tinha, aliás, poderes para tanto desde que o decreto que lhe dava todo o vigor determinava *que se empregassem os mais energicos e efficaes medidas para restabelecer a ordem e punir os rebeldes*.

O interior da provincia do Ceará, então conflagrado por força desses acontecimentos politicos, forneceu farto contingente de victimas, que fôram, por sua vez, sacrificados por seu entranhado amor á causa republicana.

Nos sangrentos factos a serem enumerados vê-se quanto ainda pesou ao Ceará a sua collaboração ao movimento de 1824.

Em Jardim, Leonel Pereira de Alencar, Raymundo Pereira de Alencar, o tenente-coronel Bandeir e José da Costa Sobrinho, cujos nomes figuram na acta do *Grande Conselho* [26 de Agosto] são immolados pela furia dos imperialistas; o sargento-mór Antonio Geraldo de Carvalho, depois de heroica resistencia, é morto em *Salva-Terra*; em *Picada*, regista-se o desastre apavorante das tropas de *Maxi*, perdendo-se cêrca de duzentos homens, mortos a ferro frio; no Icó funciona prepotentemente a *comissão matuta* mandando fusilár quatro indefêsas creaturas, salvando-se, milagrosamente, a quinta não obstante tres descargas successivas recebidas da escolta incumbida do fusilamento; final-

mente, chocam-se em fortes pelejas as forças imperiaes e o troço dos revoltosos em Croatá [1 de Outubro] Taboleiro Grande, Joaseiro [24 de Outubro] Missão Velha [28 de Outubro] Batateira [28 de Outubro] Agreste [18 de Novembro] Umary [21 de Novembro] e Pendencia [23 de Novembro] Varsea das Creoulas [26 de Novembro], nas quaes não foi pequeno o numero dos que ficaram sem vida.

Não pode ser esquecido ainda o facto deveras impressionante, succedido com o Padre Estevão da Porciuncula Ferreira, na villa do Jardim. Celebrava elle o santo sacrificio da missa quando, finda esta, ao pé do altar, foi assaltado por um grupo faccioso que o levou até a sacristia. Ahi, não obstante os rogos do reverendo sacerdote, que pedia lhe poupassem a vida, fizeram-n'o despir os paramentos e "assassinaram barbaramente. Mutilaram o cadaver, que abandonaram no meio da rua para servir de escarneo á população ebria e sedenta de sangue dos republicanos.

* * *

Dois nomes, entretanto, synthetizam todo o martyrologio do movimento politico de 24 no Ceará: Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe e José Pereyra Filgueyras.

O primeiro, o «vulto mais proeminente da agitação cearense», no Ceará, e de quem se pode dizer» que maior foi o seu martyrio quem primeiro foi na vida, «victimou a sua propria audacia, o seu destemido arrojo, «deixando-se matar para não capitular», quando reconhecida a inutilidade de seus esforços no combate decisivo de Santa Rosa (31 de Outubro) viu desfeito o seu maximo ideal republicano.

Tristão, com a sua morte, fez desaparecer as ultimas illusões da Confederação do Equador, no Ceará.

José Pereyra Filgueyras, «o bravo e temeroso companheiro de Tristão», quando falleceu na viagem (Villa de S. Romão, Minas-Geraes) em que, preso, seguia para o Rio afim de apresentar-se ao Imperador Pedro I; ainda não havia perdido o sentimento de patriotismo e a grande cora-

gem que eram apanagios de sua augusta e magestosa pessoa, que embora tendo *sessenta e cinco* annos de idade, como confessava no officio dirigido ao governador das armas de Pernambuco (1 de Maio de 1824) possuia apenas *vin- te e cinco* toda vez que seus serviços fossem necesarios para defeza da Patria.

Ambos fôram heroes e hoje estão reclamando, com justiça, á posteridade, a grãtidão nacional pelo grande esforço empregado em favor de uma causa que; ao seu tempo, alicerçada em falsos esteios e logo nas primeiras manifestações de rebeldia refreada em seu impeto pela resistencia do mais forte opposta ao mais fraco, deixou plantada a semente que veio a frondescer largos annos depois tornando numa realidade o que até então não passava de uma phantasia de seus propugnadores.

Eusebio de Sousa.

